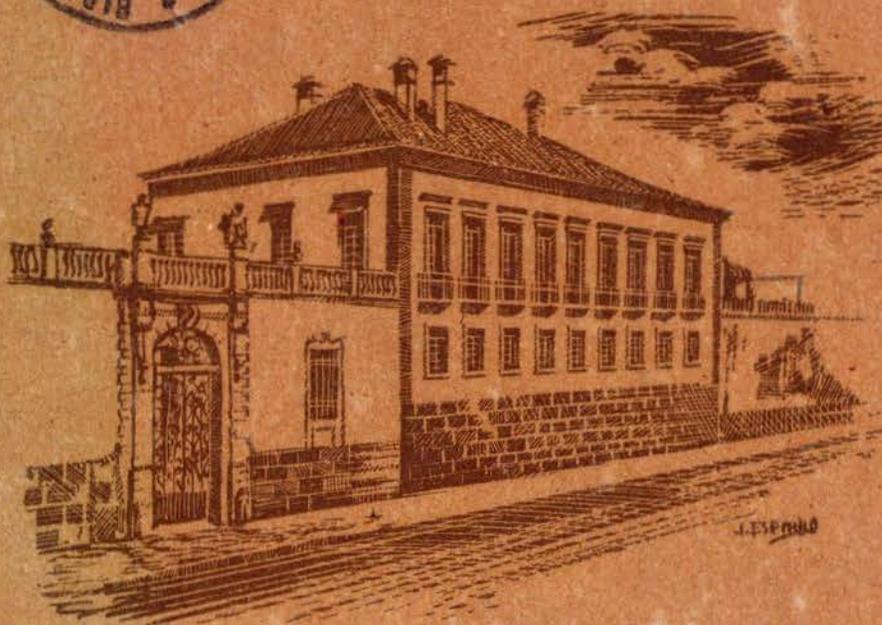


OLISIPO

BOLETIM
TRIMESTRAL

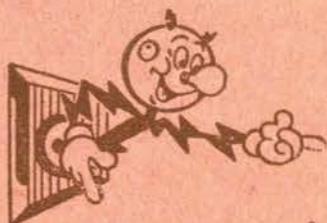
do

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"



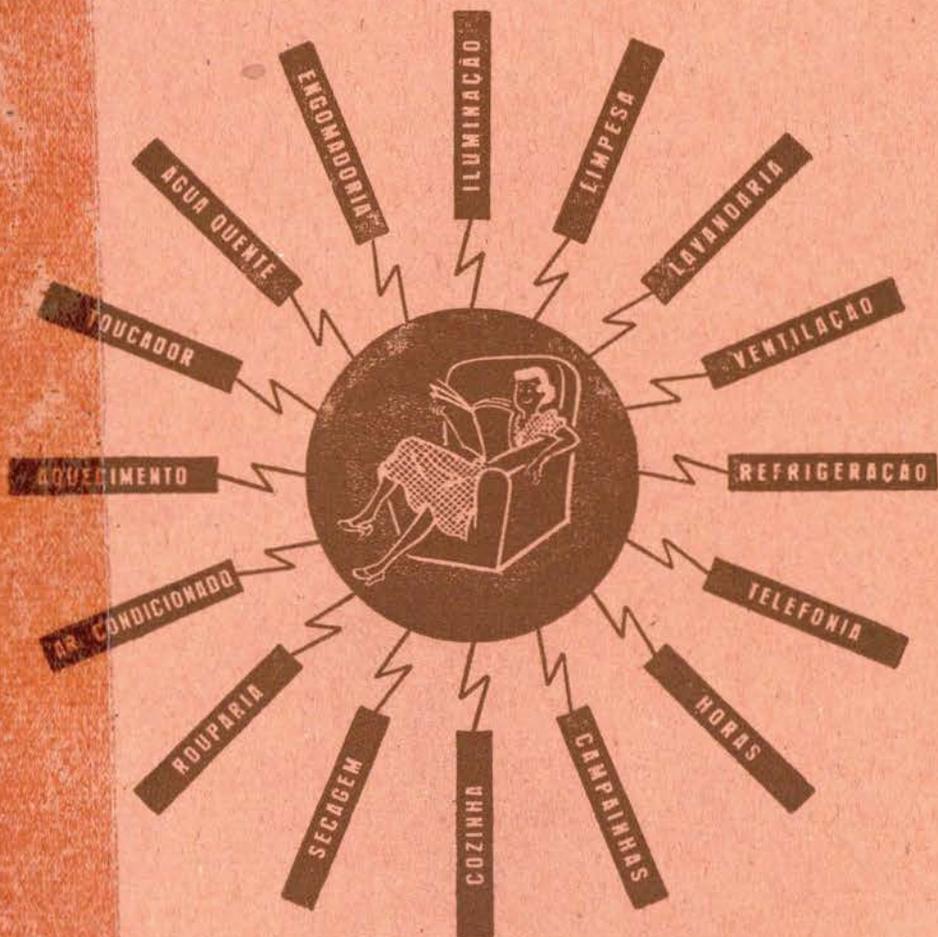
ANO XIX - N.º 73

JANEIRO - 1956



EM SUA CASA

Rodeie-se de toda a comodidade eléctrica!



DISPÊNDIO MÍNIMO, SERVIÇOS INCOMPARÁVEIS

GAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA

Ao prefazermos no mês de Fevereiro 20 anos como instituição cultural, recordemos os nomes dos desaparecidos, entre os catorze sócios fundadores que assinaram os Estatutos em 1936 e foram: Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes, Dr. Álvaro Maia, Eng. Augusto Vieira da Silva, João Pinto de Carvalho (Tinop), Dr. Levy Marques da Costa, Norberto de Araújo e Rocha Martins.

Ex.^{mo} Consócio:

Para os meses de Fevereiro e Março, de acordo com a nossa Secção de Movimento Cultural e Propaganda, foi organizado o seguinte programa:

F E V E R E I R O

SÁBADO 18, às 15 horas, visita de estudo às instalações da Fábrica de Sedas de Francisco Soares da Silva, Lda., na Travessa da Fábrica de Pentes, 4-A, e à Capela de Nossa Senhora de Monserrate, na Praça das Amoreiras.

A visita à Fábrica será dirigida pelo actual proprietário, o nosso consócio Sr. Jorge Rebelo e será feita por turnos, e a visita à Capela, junto da qual se fará concentração, será dirigida pelo nosso Director Tesoureiro Sr. Hugo Raposo.

Servem os carros eléctricos que passam na Rua das Amoreiras, ou os autocarros que passam no Largo do Rato.

QUINTA-FEIRA 23, na sede, às 18,30 horas, reunião do Conselho Geral para início das comemorações do nosso 20.º aniversário.

Às 22 HORAS, também na sede, 5.ª sessão dos «Colóquios Olisiponenses». Inscrição e regulamento habituais.

SÁBADO 25, às 21 horas, jantar na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, comemorativo e de confraternização do 20.º aniversário do Grupo.

A inscrição para este jantar estará aberta na sede do Grupo, durante as horas do expediente, a partir do dia 16. Inscrição limitada.

SEGUNDA-FEIRA 27, às 18 horas, inauguração na sede da Exposição de Roteiros e Guias de Lisboa, já anunciada, e que estará patente nos dias úteis durante as horas do expediente até 8 de Março.

NO FIM DO MÊS, possivelmente no domingo 26, e para ultimar as comemorações do nosso 20.º aniversário, em colaboração com a Câmara Municipal de Sintra, realizar-se-á uma excursão, a Massamá, a propósito da recolocação dum Marco do termo de Lisboa e visita de estudo à Necropole Dolménica do Monte Abraão.

Esta visita será dirigida pelo nosso consócio Prof. Doutor Joaquim Fontes. Presidente da Associação dos Arqueólogos e Vereador da Câmara Municipal de Sintra.

A inscrição para o transporte em autocarro incia-se na sede do Grupo a partir do dia 16 do corrente.

M A R Ç O

SÁBADO 10, às 15 horas, visita à Fábrica de Malhas Simões & C.ª, Lda. na Avenida Gomes Pereira, em Benfica.

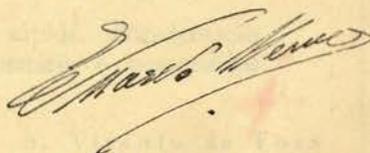
Esta visita será dirigida por um dos directores da Fábrica que é nossa associada.

QUINTA-FEIRA 14, às 22 horas, na sede, 6.ª sessão dos «Colóquios Olisiponenses».

SÁBADO 17, às 18 horas, na sede, inauguração da Exposição de Caminhos de Ferro em comemoração do 50.º aniversário da inauguração do primeiro Caminho de Ferro partindo de Lisboa.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1956.

A BEM DE LISBOA
Pela Junta Directiva — O Secretário-Geral



(Ass. Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves)

NOVIDADES OLISIPONENSES

FORAM POSTAS À VENDA:

	PREÇOS	
	para os sócios	para o público
Revista Municipal, n.º 65	11\$20	12\$50
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00

CASA DOS PNEUS

PNEUMÁTICOS E CÂMARAS D'AR
PARA AUTOMÓVEL E CAMION
ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS
RECAUCHUTAGEM · RECHAPAGEM

IMPORTANTE SECÇÃO DE
ARTIGOS DE BORRACHA
ALMOFADAS E COLCHÕES
EM ESPUMA DE BORRACHA

126, RUA DA PRATA, 132

Telef. 2 16 45

Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 82.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

LISBOA

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO - Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

•
T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

O F I C I N A S
G R A F I C A S

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1000 CONTOS

100 CONTOS

50 CONTOS

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

OURO, PRATA E JOIAS
BARATÍSSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 28503 - LISBOA

LUMIAR *fluor*
FABRICAÇÃO FRANCESA
LICENÇA SYLVANIA
A LUZ
FLUORESCENTE
QUE SATISFAZ O MAIS EXIGENTE

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

ROTOGRAVURA
FOTOGRAVURA
FOTOLITO
TIPOGRAFIA - DESENHO

TRAVESSA CONDESSA DO RIO, 7

Telefones 21368, 21227, 30054

Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes
na
PROVÍNCIA DE ANGOLA
em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente
Com. Álvaro Morna

Presidente dos
Grupos Estrangeiros
Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral
José Tavares Paulo

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante
Dr. Sílvio Guimarães



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

À alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 13 a 24

LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. - Tel. 493 13

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º - Tel. 262 51

PORTO

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

INVICTA - VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS

PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

JOIAS - OURO

PRATA - RELÓGIOS

R. Martim Moniz, 2-10 - R. da Mouraria, 7-11 - Tel. 28336 - LISBOA

CASA AFRICANA

●
PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS

●
ON PARLE
FRANÇAIS

●
ENGLISH
SPOKEN

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

●
Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO
Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

VISTA ALEGRE

P O R C E L A N A S

●
Largo do Chiado, 18
L I S B O A

M A I S D E
C E M A N O S
D E Q U A L I D A D E
E B O M G O S T O

Oferta

27. JUL. 1955

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XIX

JANEIRO DE 1956

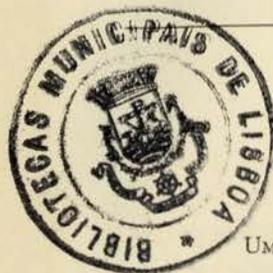
NÚMERO 73

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 257 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

UM ARCEBISPO PRIMAZ NATURAL DE LISBOA - Conferência pronunciada na Sede do Grupo «Amigos de Lisboa», em 15 de Dezembro de 1955 pelo <i>Dr. Eduardo Neves</i>	3
LISBOA E A SUA POPULAÇÃO por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	10
FESTA DO CASAMENTO DA INFANTA D. CATARINA DE BRAGANÇA COM CARLOS II DE INGLATERRA por <i>Mário Costa</i>	28
VIEIRA LUSITANO E ANTÓNIO JOAQUIM PADRÃO por <i>Prof. Ernesto Soares</i>	33
A PROPÓSITO DE D. JOÃO II por <i>Dr. Fernando da Silva Correia</i>	37
FEIRA DA LADRA	42
ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado	44
ACÇÃO CULTURAL durante o ano de 1955	47
LIVROS, edições do Grupo e dos Sócios	50
CAPA: O Palácio da Mitra (Museu da Cidade)	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

REV. 1917

OLYMPIA

WOMEN'S FOOTBALL

1917

THE OLYMPIA WOMEN'S FOOTBALL TEAM
WAS ORGANIZED IN 1917 BY MISS
M. J. [Name] AND MISS [Name].
THEY HAVE SINCE THAT TIME
BEEN ENGAGED IN A MOST
INTERESTING AND SUCCESSFUL
CAREER.

SPRING

THE OLYMPIA WOMEN'S FOOTBALL TEAM
WAS ORGANIZED IN 1917 BY MISS
M. J. [Name] AND MISS [Name].
THEY HAVE SINCE THAT TIME
BEEN ENGAGED IN A MOST
INTERESTING AND SUCCESSFUL
CAREER.

VISTA

THE OLYMPIA WOMEN'S FOOTBALL TEAM
WAS ORGANIZED IN 1917 BY MISS
M. J. [Name] AND MISS [Name].
THEY HAVE SINCE THAT TIME
BEEN ENGAGED IN A MOST
INTERESTING AND SUCCESSFUL
CAREER.

Um Arcebispo Primaz Natural de Lisboa

*Conferência pronunciada na sede do
Grupo "Amigos de Lisboa" pelo Sr. Dou-
tor EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES,
em 15 de Dezembro de 1955.*

HÁ poucos dias, recusei-me, ao convite amável dum amigo — dos bons.—tenho poucos, mas os que tenho, são graças a Deus, desse quilate; a falar em determinada colectividade, acerca de Mouzinho, esse herói, tipo lendário da nossa História contemporânea, por — aleguei — não ser militar nem colonialista; e agora surjo aqui, hoje, a falar sobre um bispo e teólogo e afinal nunca fui padre nem estudei teologia.

É que acima de tudo, neste caso de hoje, pairava a nossa linda Lisboa.

Bartolomeu do Vale, depois chamado, por escolha própria, dos Mártires, era de Lisboa. E, é isso que nesta casa, e nesta terra, é preciso dizer e gritar, para que se ouça. Não podemos, não devemos, nem deixaremos perder essa honra e essa glória da nossa terra. Repisarei isto várias vezes. É esse, exclusivamente, o nosso fim.

Foram a caridade e humildade as características principais da personalidade do Venerável Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, serão, ainda, quase cinco séculos passados sobre o seu nascimento, as características da nossa homenagem de hoje.

Caridade, a que espero de V. Ex.^{as}, que me vão ouvir, humilde, a homenagem, mercê dos deméritos do orador.

De facto, não sendo letrado ou orador, o ter-me proposto, vir hoje aqui, só representa, vontade de servir e preito de homenagem a um

«Amigo de Lisboa», que escolheu a invocação da freguesia lisboeta, onde foi baptizado, para o usar na vida claustral e tanto vir a honrá-lo depois.

Não vimos acrescentar a sua glória, nem a nossa, sòmente, não a deixar perder para Lisboa, sua terra.

Na verdade, em Maio de 1514, na rua da Tanoaria, desta cidade, na área de então, da freguesia dos Mártires, lá para as bandas do Tejo, na raiz do Monte de S. Francisco, ligada à rua da Ferraria Pequena pelo Arco do Espinho, nasceu Bartolomeu, filho de Maria Correia e de Domingos Fernandes.

Dado à humildade e à caridade, desde tenra idade, a sua vida de colegial, passou-se na nossa terra, frequentando nos seus deveres religiosos a Igreja da sua freguesia natal, onde foi baptizado, e onde ia acompanhar seu avô, cego, de quem usava o apelido, Vale.

Em Lisboa, cursou gramática e latim, em que era profundo aos 14 anos e atraído ao Convento de S. Domingos, no Rossio, a 11 de de Novembro de 1528 pediu para professar.

Tal aconteceu, dada a sua pertinácia, em 20 de Novembro de 1529, e cursadas Artes e Teologia, mudou o seu apelido de Vale para Mártires, em honra e memória do orago da sua freguesia natal, e começa então, a sua ascensão rápida e gloriosa, na escala dos valores académicos e claustrais.

Sucessivamente, sempre na Ordem Dominicana, aluno, noviço, frei, lente de Filosofia, teólogo, Presentado, Doutor e Mestre, Definidor, leitor de Teologia, escolhido pelo Infante D. Luiz para seu filho D. António, o futuro Prior do Crato, vamos encontrá-lo em Évora, em 1552, onde o foram buscar para Prior do Convento de S. Domingos de Benfica.

É lá, que, por morte de D. Frei Baltazar Limpo, ao ficar vago o Arcebispado Primaz de Braga, a conselho de Frei Luiz de Granada — Provincial dos Dominicanos em Portugal — a Rainha Dona Catarina, viúva, mãe de D. Sebastião e por sua menor idade, Regente do Reino, convidou Mestre Frei Bartolomeu, para ocupar a vaga existente em Braga, em 1559.

Resistiu e só sob a imposição da obediência, aceitou o encargo e após ir prostrar-se ante Cristo, saiu doente, tal o temor do cargo e a grave ofensa que à sua humildade, faziam as honras e prerrogativas da sua nova dignidade.

No novo cargo, a modéstia do seu viver continua, contrastando com o afã, a um tempo inteligente e pertinaz, com que cumpre os deveres do seu cargo e defende e marca as prerrogativas e direitos da sua dignidade arquiiepiscopal.

São vários os transes, em que se afirma tal atitude, referirei de relance e sem sequência cronológica alguns deles, que todos mostram o temperamento simultâneamente erudito e modesto, bondoso e rigoroso, austero e mordente, sempre imbuído de espírito de justiça, exposto com clareza por vezes, até com graciosidade.

É óbvio, que em questões históricas, não se inventa, antes nos reportamos, é o que farei, à história biográfica, primorosamente escrita, em estilo de belo labor de português arcaico, por outro dominicano ilustre, que jaz no Convento de Benfica, onde o nosso conterrâneo, foi Prior e que se chamou Frei Luiz de Sousa. Não me foram estranhos os escritos de José Caldas, do Padre José de Castro e outros.

Orava, entre o povo, quando, numa visita a determinado local, uma caterva, a soldo do visitado em culpa, o insulta, chamando-lhe impostor e hereje, tal a humildade do trajo, com que se apresentava o Arcebispo Primaz; uma velhota devota, reconhece-o, e diz à turba: «Não o insulteis, é um Santo», ao que retorque rápido, levantando-se: «Mentis todos, não sou hereje nem Santo, sou o Arcebispo de Braga».

Nos confins da sua vasta Diocese, visita com desgarrado burgo, quase inacessível, onde o vigário era, sobre audaz, transviado, e que tem inculcas e ninguém deixa aproximar. Sem pompas, quase só, de hábito de simples frade dominicano, acerca-se da porta do réprobo, ele mesmo vem abrir e à pergunta: «Ao que vindes?» responde o Arcebispo, agora mero frade: «Açoutar-vos com esta varinha» pequeno vime que empunhava, «porque me dizem andais transviado». E, ali mesmo, após frugal refeição, pedida, o temido, lhe presta obediência e pede perdão.

Impressiona sempre na sua vida, o contraste flagrante entre a sua modéstia e humildade, espírito de sacrifício, levado ao martírio; a ponto de procurar pousada pobre e modesta, a alimentar-se parca e pobremente, a vestir o burel e a estamenha; e a energia com que defende e mantém e exerce o prestígio do seu lugar e as prerrogativas da sua Mitra.

É vê-lo em litígio enérgico com o poder central, com a Santa Sé e perante o próprio Rei intruso, quando das Cortes de Tomar.

Grassando peste em Braga, recusa-se mesmo a instâncias régias a abandonar a cidade, ele mesmo, leva os socorros espirituais aos doentes e é sempre o primeiro a ordenar a distribuição de esmolas e vestimentas, às vezes mesmo, até as próprias. Dizia ao ser nomeado e disse-o sempre depois: — «Sou Arcebispo Primaz, mas procurem-me sempre como frade dominico, que assim sempre me encontrarão».

O seu espírito de justiça e isenção leva-o a fazer plebiscito na área da sua jurisdição episcopal a propósito da sucessão do Trono, quando da morte do Cardeal D. Henrique, acto, que o levou, a exilar-se para Tuy, visto a consulta popular, ter sido contrária às pretensões do seu antigo discípulo D. António, Prior do Crato.

Em tudo exacto, sereno, justo e probo, sabe acautelar, prever e garantir os factos que provoca ou que assiste.

Não tendo conseguido a vitória absoluta, a quando do Concílio de Trento, acerca dos direitos e prerrogativas do Primaz de Braga sobre as do Primaz de Toledo, discussão que enèrgicamente travou, que diplomaticamente dirimiu e em que o Papa, opinou pela manutenção da questão no mesmo pé, para não prejudicar o andamento do Concílio, e lhe pede para voltar às sessões, de que dignamente se tinha afastado, não esquece os seus direitos, quando Filipe I insistentemente lhe pede, para ser nas suas mãos, que em Tomar, seja prestado o seu juramento.

Como condição impõe ir de Cruz Alçada — como lhe compete — que venha até Tomar e da mesma forma receber o juramento real. Filipe I aceitou, e foi ante ele, de cruz alçada, que prestou o juramento, ante as Cortes reunidas, em 1581. E, o venerável Frei Bartolomeu, de tudo fez lavrar actas, por notários próprios, que trouxe, e que fez assistir pessoalmente a tudo. E, assim estava tácita, mas absolutamente garantida, a prerrogativa do Arcebispo de Braga, no seu título de Primaz das Espanhas, com o consenso do próprio rei de Espanha, que tanto tinha contrariado os seus desejos, a quando do Concílio de Trento.

Patriotismo pertinaz e cumprimento do dever com providência e garantia.

É assim, o mesmo austero prelado, que ao propor a reforma dos costumes, ao ser perguntado, em plena sessão do Concílio de Trento, se os cardeais presentes, também deviam ser incluídos nas normas da reforma; quando todos reverentemente se levantavam e diziam, que os eminentíssimos e reverendíssimos Cardeais presentes, não deviam ser incluídos na reforma, Frei Bartolomeu, não menos reverentemente levan-

ta-se e diz: «Os eminentíssimos e reverendíssimos Cardeais precisam também, quanto a mim, uma eminentíssima e reverendíssima reforma», explicando a seguir: «Vós, Eminências, sois as fontes em que os sacerdotes se saciam, e estes não podem beber água, conspurcada ou impura».

Este, é o varão, que foge das pompas e das homenagens, que se alberga longe dos palácios, nas celas dos frades, que deixa sempre um quinhão para os pobres, que sempre há, que deixa endurecer o pão, para não satisfazer o apetite e que ao contemplar as belezas, os luxos e grandeza de alguns grandes da sua grei, lamenta-as, por haver no mundo tantos com precisão e necessidade.

Este é o autor, dum compêndio exacto de doutrina cristã, que D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, deu à estampa em 1684 e do *STIMULUS PASTORUM*, iniciais essas, que fazia gravar na sua câmara, e em que se preconiza o rigor da doutrina e o seu cumprimento.

É vária a iconografia do Arcebispo. Ernesto Soares refere várias gravuras, algumas estrangeiras, que pretendem retratar Frei Bartolomeu, porém, a certamente mais fidedigna é a feita por autor, nas vésperas da sua morte e que Frei Luiz de Sousa publica na sua obra.

Em vida nunca consentiu, ser retratado, como modesto e simples que sempre foi, a despeito de ser amigo de Papas, com quem se carteia, mentor de santos e cardeais, luzeiro de virtude e saber. Foram seus íntimos S. Carlos Borromeu, D. Carlos de Lorena, de sangue real, Arcebispo de Reims, Pio IV e Pio V, que lhe ofereceu no seu regresso a Portugal a sua própria mula, onde costumava montar quando saía de Roma.

São de ler algumas das suas cartas, sempre com vista ao bem dos pobres, escritas no seu estilo e forma ingénua e simples, como era o seu viver e a sua indumentária. Em todas elas se refere a necessidade de gastar toda a dotação para esmolas, enquanto houver pobres, lembrando que não se preocupem com os seus gastos em Trento porque tem economizado para que nada falte cá. Diz mesmo ao seu vigário geral que se zangará se assim se não fizer.

Em cheiro de santidade, em 1581 resigna, velho e doente por tanto labutar e vai morrer a Viana do Castelo, em 16 de Julho de 1590, no Convento de S. Domingos, por ele fundado; com a idade de 76 anos. Levanta logo lutas, para a disputa do seu corpo, Braga e Viana degladiam-se, vencendo a última, conforme sua disposição testamentária e o

seu corpo, é sepultado, levando consigo o precioso anel, que só então usou, oferta de Sua Santidade; certamente marcando ainda, para os restos mortais do Prelado, o que a modéstia do frade, nunca lhe consentiu usar em vida.

E a sua mão, que evitava naufrágios, que convertia herejes, que aplacava disputas, em que havia de nascença, uma cruz floriada, continuou desde o túmulo a distribuir benesses, como em vida distribuiu conforto e caridade, a ponto de a Sagrada Congregação dos Ritos, ter em Roma no ano de 1845 decretado o direito ao título de Venerável, pelo exercício e posse, de virtudes heróicas, primeiro passo para a sua santificação.

Restam os três milagres provados.

Quase estou em crer, eu, que muito respeito a memória deste varão ilustre, nascido na nossa terra, na freguesia dos Mártires, cuja igreja breve visitaremos, e que se honra de possuir, uma notável relíquia do Arcebispo Santo. como já na sua época era apelidado, que um se deu já, permitindo, que, a um seu conterrâneo obscuro, fosse permitindo vir aqui afirmar, proclamar, para não esquecer, que o Venerável Frei Dom Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, que no seu tempo tanto honrou a profissão sacerdotal e a cultura lusíada, nasceu em Lisboa e é um dos seus filhos mais ilustres, de que a cidade tanto se honra e envaidece.

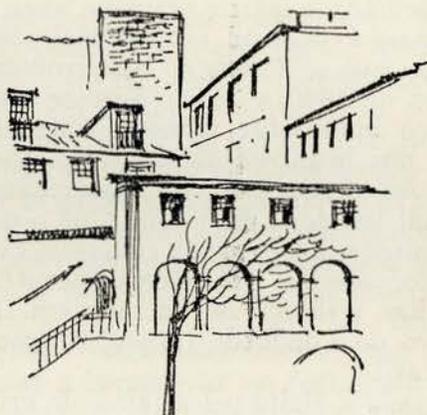
Ele mesmo, não o esquecia, não só no apelido que passou a usar, mas também na forma como no Concílio de Trento se assinava: «Frei Bartolomeu dos Mártires, Olisiponense, Arcebispo Primaz».

São certamente, estas homenagens sinceras e modestas, como a nossa de hoje, as que mais agradam à sua memória, dado o seu temperamento, e cuja sinceridade se avalia, pelo afã com que todos, até esquecidos uns dos outros, andamos a prestar-lhe.



Evidentemente foi Arcebispo de Braga, e illustrou esse título, jaz em Viana, e honra essa cidade com a sua predilecção, foi luzeiro da Igreja, e é a sua glória; mas nasceu em Lisboa e é portanto, da nossa terra, glória consagrada.

Ao geito do seu viver — modesta e convictamente — os «Amigos de Lisboa» aqui estão a lembrá-lo a todos e a pô-lo a par de Santo António, S. João de Brito e João XXI, também, como ele, seus filhos illustres.
Tenho dito.



Lisboa e a sua população

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

EM separata da *Revista de Obras Públicas e Minas* publicou, em 1919, o falecido engenheiro Vieira da Silva um valioso estudo histórico intitulado «A população de Lisboa». Como, porém, os elementos apresentados não ultrapassam o ano de 1911, parece-nos ter certo interesse actualizar aquele trabalho visto que, com os dados de que hoje dispomos, é possível obter conclusões de algum modo curiosas sobretudo no que se refere ao desenvolvimento da cidade no período que decorreu de 1900 a 1950. Acresce ainda que, quanto ao século XVIII, podemos apresentar números extraídos de documentos que não figuravam nos arquivos nacionais na época em que aquele ilustre olisipógrafo fez o seu trabalho. Queremos referir-nos a um inquérito populacional levado a efeito em 1792 e que inclui o número de fogos então existentes nos bairros da cidade de Lisboa e nos julgados do seu termo. Os documentos respectivos encontram-se hoje no Arquivo Histórico Militar e deram ali entrada em 1945, fazendo parte do chamado «arquivo do Conde de Lippe» (1) gentilmente devolvido pelo governo do Brasil.

Tal inquérito levado a efeito pelos juizes do crime dos bairros por virtude de um aviso expedido, em data de 1 de Setembro de 1792, pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, que então era Luís Pinto de Sousa Coutinho, teve, como adiante se verificará, a mais pronta execução. Foi, certamente, determinado por razões de ordem militar e com vistas a qualquer operação de recrutamento, de incluir num conjunto de medidas postas em execução por aquele ministro com o manifesto propósito de dotar o exército com os melhoramentos de que ele tanto carecia, dadas não só as lamentáveis circunstâncias em que o seu antecessor, Ayres de Sá e Melo, o havia deixado como, também, o panorama político da Europa consequente dos acontecimentos que se vinham desenrolando em França desde 1789.

(1) Caixa 11, proc.º 10.

De notar é, porém, que o inquérito tenha sido efectuado através dos juizes do crime o que parece provar que já então era letra morta (*) o alvará de 24 de Fevereiro de 1764 que regulamentou a execução do capítulo xv do *Novo Regulamento Militar*, uma das muito úteis providências promulgadas a instâncias do conde de Lippe quando encarregado de organizar o nosso exército.

Aquele alvará, que consideramos a primeira tentativa séria para um recrutamento militar eficiente, sem as violências dos sistemas até então em vigor, apresentava ainda a vantagem de contribuir para o conhecimento da população do país. Por ele eram intimados os capitães-mores nas cidades, vilas e concelhos, a ter completas, no prazo de trinta dias, listas em que seriam descritos todos os indivíduos que, por lei, eram obrigados ao serviço das ordenanças, indicando-se nome, morada e idade de cada um deles, de sorte que sempre constasse ao certo o número de moradores em cada termo e dos filhos que tivessem.

Com o fim de que tais listas se apresentassem sempre completas e em dia, o que seria periódicamente verificado por oficiais inspectores, deveriam os capitães-mores, pelo menos duas vezes em cada ano, passar mostras às companhias de ordenanças da área da sua jurisdição. Dariam, então, baixa aos falecidos e ausentes, e alta aos que tivessem casado — que assim passariam a cabeças de família — e aos que entrassem a morar de novo nas terras do respectivo termo.

Como cada concelho ou termo deveria dar o número de recrutas que lhe fosse atribuído e isto de forma que uns não fossem mais agravados do que outros — «com as desordens e vexações que outras vezes se tem a tal respeito praticado com a grande ofensa de Deus Nosso Senhor e de serviço meu» — eram obrigados os capitães-mores, logo que fossem decorridos os trinta dias fixados, para a elaboração das listas de fogos e moradores dos concelhos de cada comarca, a apresentarem-se com aquelas, no dia para tal fixado, aos generais das respectivas províncias. Então estes fariam, por um lado, estabelecer o número de recrutas a incorporar no regimento em cujo distrito de recrutamento estivesse incluída a comarca em causa e, por outra parte, mandariam calcular, através das listas, qual a população em cada um dos concelhos da mesma comarca. Em face destes elementos se procederia ao rateio dos recrutas «pela regra de três» e tudo ficaria exarado nos livros dos capitães-mores e seria comunicado à secretaria da província. Aos coronéis dos regimentos era remetida cópia dos rateios com o fim de que aqueles não exigissem, dos capitães-mores, um número de recrutas superior ao que efectivamente lhe houvesse sido destinado.

(*) Tal facto é, de certo modo, confirmado por um «Parecer sobre a proposição do methodo que pareça mais vantajoso para se verificar a População do Reyno, se por via dos Ministros ou Capitães Mores, etc.» datado de 30 de Julho de 1792 e subscrito pelo marechal de Campo D. Francisco Xavier de Noronha que, ao tempo, morava á Travessa do Pombal e comandava o 1.º Regimento da Armada Real. Tal documento encontra-se no *Arquivo Histórico Militar*, Coleção Conde de Lippe, caixa 11, proc.º 1.

Em apenso ao citado alvará foi publicada a constituição dos distritos de recrutamento affectos a cada regimento. E, parece-nos curioso notar que sendo, ao tempo, a guarnição de Lisboa constituída por nove unidades militares — regimento de Lippe; 1.º regimento da Armada de que era coronel o conde da Ponte; 2.º regimento da Armada, coronel Jorge Francisco Machado; regimento da guarnição da Corte e cidade de Lisboa, de que era coronel o brigadeiro conde de Aveiras; regimento da Corte e cidade de Lisboa, do comando do conde do Prado; regimento de cavalaria de Mecklemburgo, coronel João de Sampaio de Melo e Castro; regimento de cavalaria de Alcântara de que era coronel o barão-conde D. Fernando Lobo da Silveira; regimento de cavalaria do Cais cujo coronel era o conde de Sampaio e regimento de artilharia de S. Julião da Barra comandado pelo coronel Frederico Jacob de Weinholtz — só duas recrutavam na cidade de Lisboa e seu termo: o regimento de artilharia de S. Julião da Barra cujo distrito era constituído pela cidade de Lisboa e vilas de Oeiras, Carcavelos, Sintra, Colares, Cheleiros, Mafra, Ericeira, Torres Vedras e respectivos termos; o 1.º regimento da Armada em cujo distrito se integravam todas as freguesias do termo de Lisboa, então no número de trinta e quatro.

Mas, vejamos os resultados colhidos pelo recenseamento a que nos vimos referindo.

Em resumo, foram os constantes do seguinte

MAPA DO NÚMERO DE FOGOS DA CIDADE DE LISBOA E SEU TERMO

	Cidade		Termo	
1 - Bairro do Limoeiro	579		407	
2 - » da Mouraria	4.175		837	
3 - » de St.ª Catarina	2.811		1.265	
4 - » de Andaluz	4.957		797	
5 - » do Castelo	1.451	13.973	460	3.766
6 - Bairro de Alfama	3.454		1.682	
7 - » da Ribeira	1.484		737	
8 - » da Rua Nova	1.296	6.234	895	3.314
9 - Bairro do Mocambo	4.145		-	
10 - » Alto	7.951	12.096	264	264
11 - Bairro do Rossio	2.733		535	
12 - » dos Remolares	1.343	4.076	473	1.008
13 - Bairro de Belém		4.287		2.823
		40.666		11.175
<i>Total</i>		51.841		

O mapa que antecede foi elaborado com os elementos constantes dos relatórios, apresentados pelos corregedores e juizes do crime dos diferentes bairros, e a que sucintamente nos vamos referir:

1 — BAIRO DO LIMOEIRO — Documento datado de 14 de Setembro de 1792 e sem assinatura. Este bairro compreendia, na cidade, parte de cada uma das freguesias de St.^a Maria Maior, de S. Martinho, de S. Tiago, de S. Cristóvão, da Madalena e de S. João da Praça, e no termo os julgados das freguesias de S. João da Talha, de St.^a Iria e da Póvoa de D. Martinho. Era juiz do crime Alexandre Barbosa de Albuquerque, que morava à Costa do Castelo e que exercia também as funções de encarregado da arrecadação da décima na freguesia de St.^a Maria Maior.

2 — BAIRO DA MOURARIA — Relatório com a mesma data do anterior e, igualmente, sem assinatura. Constituído, na cidade, por parte de cada uma das freguesias de N. S.^a do Socorro, N. S.^a dos Anjos, de S. Jorge, de St.^o André, e de N. S.^a da Pena e, no termo, pelos julgados das freguesias de St.^a Maria de Loures e de S. Lourenço de Arranhol, pelo julgado da Sapataria e freguesia de N. S.^a da Purificação. Deste bairro era juiz do crime António Tomás da Silva Leitão, que morava ao Salvador e havia tomado posse do cargo em 9 de Setembro de 1791.

3 — BAIRO DE SANTA CATARINA — Relatório datado de 17 de Setembro de 1792 e assinado pelo juiz corregedor José Marcelino Datto de Mendonça Furtado. Compreendia, na cidade, toda a freguesia de St.^a Catarina, com 38 ruas, e parte da de N. S.^a das Mercês com 23 arruamentos e, no termo, as freguesias dos Santos Reis (Campo Grande) com 2 ruas e 3 lugares, do Menino Jesus (Odivelas) com 11 ruas e 2 lugares, de St.^o Adrião (Póvoa) com 1 rua e 3 lugares e a de S. Miguel (Milharado) com 1 rua e 19 lugares. O corregedor Mendonça Furtado, que tomou posse do cargo em 30 de Novembro de 1789, morava à Rua Formosa e exercia também as funções de encarregado da arrecadação da décima na freguesia de St.^a Catarina.

4 — BAIRO DE ANDALUZ — Mapa datado de 16 de Setembro de 1792 e assinado pelo juiz do crime José Félix de Araújo. Constituído, na cidade, pela totalidade da freguesia de S. José e por parte de cada uma das freguesias do Coração de Jesus, de St.^a Justa, de N. S.^a da Pena, de N. S.^a do Socorro, de S. Sebastião da Pedreira

e de S. Jorge e, no termo, pelas freguesias de S. Quintino, de St.º Estêvão das Galés e de S. João dos Montes. O juiz José Félix de Araújo, que tomou posse do cargo em 12 de Julho de 1784, morava à Boa-Morte e era também encarregado da arrecadação da décima na freguesia de Santa Isabel.

5 - BAIRRO DO CASTELO — Relatório datado de 15 de Setembro de 1792 e assinado pelo juiz do crime Pedro Duarte da Silva (3). Este elucida-nos que, a este bairro pertenciam na forma da lei de 25 de Março de 1742, na cidade, as freguesias de St.ª Cruz, de S. Bartolomeu, de St.º André e do Salvador com a calçada da Graça até ao convento da Penha e, no termo, os julgados de Camarate, de Unhos e de Fanhões. Porém, feita nova divisão das paróquias da cidade, depois do terremoto de 1755, só conservava inteiras duas freguesias: a de St.ª Cruz do Castelo e a de S. Tomé, constituindo o resto do mesmo bairro partes de dez outras freguesias que eram as de St.º André, St.ª Marinha, N. S.ª dos Anjos, St.ª Engrácia, S. Vicente, Salvador, St.º Estêvão, S. Tiago, S. Martinho e S. Jorge. No termo conservava os mesmos julgados. Pedro Duarte da Silva que, em 1792, morava na Calçada da Graça e havia tomado posse do cargo em 10 de Novembro de 1789, era também encarregado da arrecadação da décima nas freguesias de S. Vicente, St.ª Marinha, St.º André e S. Tomé.

6 - BAIRRO DE ALFAMA — Relatório datado de 15 de Setembro de 1792 e assinado pelo corregedor Venâncio Marcelino de Campos Deslandes (4), indicando que o bairro era constituído por parte de cada uma das freguesias de S. Vicente, St.ª Marinha, St.º Estêvão e St.ª Engrácia, e, no termo, pelas freguesias de S. Bartolomeu e St.ª Maria dos Olivais, S. Bartolomeu da Charneca e N. S.ª da Purificação de Sacavém. O corregedor Deslandes que, em 1792, morava às Cruzes da Sé, tomou posse do cargo em 13 de Outubro de 1789 e era, também encarregado da arrecadação da décima na freguesia de St.ª Engrácia.

7 - BAIRRO DA RIBEIRA — Relatório datado de 17 de Setembro de 1792, assinado pelo juiz do crime José Germano de St.ª Marta Mesquita e Melo, que morava então ao Paraíso, tomou posse do cargo em 2 de Janeiro de 1790 e era também encarregado da arrecadação

(3) Pedro Duarte da Silva era, em 1804, desembargador da Casa da Suplicação e, no mesmo ano, foi-lhe aforado pela Câmara um prédio sito na Rua da Bempostinha. Luís Pastor de Macedo, *Lisboa de Lés-a-Lés*, vol. II, pág. 208.

(4) O corregedor Venâncio Marcelino de Campos Deslandes em 1826 era desembargador e, neste ano, um seu filho Manuel Venâncio Deslandes, juiz de fóra na vila de Mafra, casou no oratório privativo da casa dos pais da noiva, que moravam na Rua de S. Julião no antigo n.º 33, com D. Maria Teresa, filha de José António Gonçalves e de D. Maria José Gonçalves. Luís Pastor de Macedo, *Lisboa de Lés-a-Lés*, vol. IV, pág. 242.

da décima nas freguesias do Salvador, S. Miguel, S. Pedro e S. João da Praça. Este bairro compunha-se da freguesia de S. Miguel e de parte de cada uma das freguesias de S. João da Praça, St.^a Maria Maior (Sé), St.^o Estêvão e St.^a Engrácia. No termo incluía as freguesias de N. S.^a da Assunção de Vialonga, S. Sebastião da Granja de Alpiatre, S. Julião e St.^o Antão do Tojal.

8 - BAIRRO DA RUA NOVA — Documento datado de 16 de Setembro de 1792, assinado pelo corregedor José Alexandre da Silva. Constituíam este bairro parte de cada uma das freguesias de S. Julião, N. S.^a dos Mártires, N. S.^a da Conceição Nova, S. Nicolau, St.^a Maria Madalena e St.^a Maria Maior. No termo compreendia parte da freguesia de St.^a Maria de Loures, S. Pedro e St.^a Maria de Lousa, St.^a Maria de Caneças, St.^o Estêvão das Galés de Monte Mouro e S. Pedro de Almargem do Bispo de Alvegas Velhas. O corregedor José Alexandre da Silva, que vestia beca e morava na Rua de S. Bento, tomou posse do cargo em 12 de Fevereiro de 1791 e era também encarregado da arrecadação da décima na freguesia de N. S.^a da Conceição.

9 - BAIRRO DO MOCAMBO — Relatório sem data e assinado pelo juiz do crime Lucas da Silva de Azevedo Coutinho. Este bairro, que não tinha julgados no termo, era constituído pela freguesia de Santos, e por parte de cada uma das freguesias de S. Paulo, S. Pedro em Alcântara e N. S.^a da Lapa. Azevedo Coutinho morava às Escolas Gerais e desempenhava igualmente as funções de encarregado da arrecadação da décima na freguesia de Santos.

10 - BAIRRO ALTO — Documento sem data e assinado pelo corregedor Henrique de Mendonça da Costa Benevides Cirne ⁽⁵⁾. Pertenciam a este bairro as freguesias de N. S.^a da Encarnação e de S. Mamede, e parte de cada uma das do Sacramento, N. S.^a das Mercês, Santa Isabel, Coração de Jesus, N. S.^a da Lapa, S. Pedro em Alcântara e S. Sebastião da Pedreira. No termo S. Julião de Frielas e N. S.^a da Encarnação da Apelação. O corregedor Cirne que morava na Rua da Madre de Deus, ao Pombal, e tomou posse em 18 de Agosto de 1786 era também encarregado da arrecadação da décima na freguesia de N. S.^a da Encarnação.

11 - BAIRRO DO ROSSIO — Relatório sem data, assinado por Luís Dias Pereira, indicando que o bairro era constituído pela freguesia de

(5) Este magistrado foi escrivão da Junta nomeada por Decreto de 8 de Agosto de 1780 para se pronunciar sobre se era justo conceder a revisão, pedida pelo Marquês de Alorna, do processo dos duplicados de Belém. Atendendo ao parecer favorável da Junta foi, por Alvará de 9 de Outubro do mesmo ano, constituído o Tribunal que deveria proceder à revisão do referido processo, sendo Benevides Cirne nomeado escrivão. Caetano Beirão — *D. Maria I*, 4.^a ed., pág. 147.

S. Lourenço e por parte de cada uma das freguesias de S. Cristóvão, St.^a Justa, S. Nicolau, N. S.^a da Conceição Nova, Sacramento e St.^a Maria Madalena. No termo N. S.^a da Purificação de Bucelas e S. Tiago dos Velhos. Luís Dias Pereira era corregedor do crime do bairro dos Remolares. O deste bairro do Rossio, segundo o Almanaque de Lisboa de 1792 era Francisco Franco Pereira que morava na Rua de S. Bento e era encarregado da arrecadação da décima na freguesia de S. Nicolau.

12 - BAIRRO DOS REMOLARES — Documento igualmente sem data e, como o anterior, assinado por Luís Dias Pereira. Era este bairro constituído por parte de cada uma das freguesias de S. Paulo, N. S.^a dos Mártires, S. Julião e Sacramento. No termo pelas freguesias de N. S.^a da Encarnação do lugar da Ameixoeira, S. Lourenço de Carnide e S. João Baptista do Lumiar. O corregedor doutor Luís Dias Pereira, tomou posse do cargo em 13 de Julho de 1790 e era também encarregado da arrecadação da décima na freguesia de S. Paulo.

13 - BAIRRO DE BELÉM — Apresenta o relatório a data de 8 de Outubro de 1792 e está assinado pelo corregedor José António Barbosa do Lago ⁽⁶⁾. Indica-nos que o bairro era constituído pela freguesia de N. S.^a da Ajuda e por parte de cada uma das freguesias de Santa Isabel e de S. Pedro em Alcântara. No termo pelas de N. S.^a do Amparo de Benfica, N. S.^a da Misericórdia de Belas, S. Pedro de Barcarena e S. Romão de Carnide. O corregedor Barbosa do Lago era também síndico do Senado da Câmara da cidade de Lisboa e do hospital de S. Lázaro. Desempenhava, ainda, as funções de juiz dos degredados. Morava às Olarias.

Ainda com os números constantes de cada um dos relatórios a que vimos de fazer referência, foi organizado o mapa que se segue. Como aqueles incluem, apenas, o número de fogos então existentes, que atrás se apontam em resumo, e como se afigura de interesse determinar, embora aproximadamente, o número de habitantes correspondente, utilizamos como média de pessoas em cada fogo o número 4,76. Este foi obtido através dos resultados de dois outros recenseamentos: um imediatamente anterior ao presente — o de 1780 —, outro posterior — o de 1801.

E, assim, temos:

⁽⁶⁾ Em 1782 José António Barbosa do Lago morava na Rua de St.^a Bárbara com sua mulher D. Maria Inácia do Carmo Salganha. Luis Pastor de Macedo, *Lisboa de Lés-a-Lés*, vol. IV, pág. 232.

FREGUESIAS DE LISBOA

	Freguesias	Fogos	Pessoas	Bairros
1	N. Sr. ^a da Ajuda	2.921	13.904	<i>Belém</i>
2	St. ^o André	306	1.457	<i>Mouraria-Castelo</i>
3	N. Sr. ^a dos Anjos	2.182	10.386	<i>Mouraria-Castelo</i>
4	Coração de Jesus	734	3.493	<i>Andaluz-Bairro Alto</i>
5	S. Cristóvão... ..	425	2.023	<i>Limoeiro-Rossio</i>
6	St. ^a Catarina	1.688	8.035	<i>St.^a Catarina</i>
7	N. Sr. ^a da Conceição Nova	495	2.356	<i>Rua Nova-Rossio</i>
8	St. ^a Cruz do Castelo	282	1.342	<i>Castelo</i>
9	N. Sr. ^a da Encarnação ...	2.023	9.629	<i>Bairro Alto</i>
10	St. ^a Engrácia	2.030	9.663	<i>Castelo-Alfama-Ribeira</i>
11	St. ^o Estêvão... ..	942	4.484	<i>Castelo-Alfama-Ribeira</i>
12	S. João da Praça	437	2.080	<i>Limoeiro-Ribeira</i>
13	S. Jorge	481	2.290	<i>Mouraria-Andaluz-Castelo</i>
14	S. José	1.738	8.273	<i>Andaluz</i>
15	St. ^a Justa	951	4.526	<i>Andaluz-Rossio</i>
16	St. ^a Isabel	3.136	14.927	<i>Bairro Alto-Belém</i>
17	S. Julião... ..	593	2.823	<i>Rua Nova-Remolares</i>
18	N. Sr. ^a da Lapa... ..	1.527	7.269	<i>Mocambo-Bairro Alto</i>
19	S. Lourenço	677	3.223	<i>Rossio</i>
20	St. ^a Maria Maior	518	2.466	<i>Limoeiro-Ribeira-Rua Nova</i>
21	St. ^a Maria Madalena	394	1.875	<i>Limoeiro-Rua Nova-Rossio</i>
22	S. Martinho	85	405	<i>Limoeiro-Castelo</i>
23	N. Sr. ^a dos Mártires	701	3.337	<i>Rua Nova-Remolares</i>
24	N. Sr. ^a das Mercês... ..	1.824	8.682	<i>St.^a Catarina-Bairro Alto</i>
25	S. Mamede	1.038	4.941	<i>Bairro Alto</i>
26	St. ^a Marinha	280	1.333	<i>Castelo-Alfama</i>
27	S. Miguel	723	3.441	<i>Ribeira</i>
28	S. Nicolau	628	2.989	<i>Rua Nova-Rossio</i>
29	S. Paulo	692	3.294	<i>Mocambo-Remolares</i>
30	N. Sr. ^a da Pena	1.521	7.240	<i>Mouraria-Andaluz</i>
31	S. Pedro em Alcântara ...	1.709	8.135	<i>Mocambo-Bairro Alto-Belém</i>
32	Salvador... ..	180	857	<i>Castelo</i>
33	Santos	2.435	11.590	<i>Mocambo</i>
34	Sacramento	814	3.875	<i>B. Alto-Rossio-Remolares</i>
35	S. Sebastião da Pedreira ...	798	3.798	<i>Andaluz-Bairro Alto</i>
36	N. Sr. ^a do Socorro	1.689	8.040	<i>Mouraria-Andaluz</i>
37	Sant'Iago	251	1.195	<i>Limoeiro-Castelo</i>
38	S. Tomé	247	1.176	<i>Castelo</i>
39	S. Vicente	571	2.718	<i>Castelo-Alfama</i>
	<i>Soma</i>	40.666	193.570	

FREGUESIAS DO TERMO HOJE INCLUIDAS NA ÁREA DA CIDADE

Freguesias		Fogos	Pessoas
1	Nossa Senhora do Amparo - Benfica	990	4.712
2	S. Bartolomeu da Charneca	217	1.033
3	S. Bartolomeu dos Olivais	452	2.151
4	Nossa Senhora da Encarnação - Ameixoeira	66	314
5	S. João Baptista - Lumiar	106	504
6	S. Lourenço - Carnide	301	1.433
7	Santa Maria dos Olivais	660	3.142
8	Santos Reis - Campo Grande	225	1.071
<i>Soma</i>		3.017	14.360

RESUMO:

Freguesias		Fogos	Pessoas
Da Cidade: 39	40.666	193.570
Do Termo: 8	3.017	14.360
<i>Soma</i>		43.683	207.930

Como se verifica dos mapas anteriores o inquérito de 1792 atribui à cidade de Lisboa apenas 39 freguesias por considerar a de S. Bartolomeu dos Olivais como fazendo parte do termo. Este facto é de assinalar porquanto nos recenseamentos levados a efeito em épocas próximas, e de que o citado estudo do engenheiro Vieira da Silva nos dá nota, aquela freguesia é sempre incluída na área da capital. Como julgamos de interesse comparar os resultados do censo de que nos vimos ocupando com os de 1790 e 1798, que todos apresentam 40 freguesias na cidade, aditaremos aos números de 1792 os correspondentes à referida freguesia de S. Bartolomeu.

Para a determinação do número de habitantes naqueles anos empregamos, tal como fizemos para 1792, o número médio de 4,76.

Assim, os elementos comparativos assentarão todos na mesma base e, portanto, temos:

Anos	N.º de Freg.	Origem	Fogos	Habitantes
1790	40	Almanaque, 1790	38.102	181.365
1792		Inquérito de 1792	41.118	195.721
1798		» » 1798	42.735	203.418

Vejamos agora como evoluiu a população de Lisboa nos cinquenta anos decorridos de 1900 a 1950 dividindo-os em dois períodos iguais: um de 1900 a 1925, outro deste último ano a 1950. Para tanto recorreremos aos censos oficiais levados a efeito naqueles anos e referidos ao dia 1.º de Dezembro de cada um deles. O segundo, o de 1925, foi considerado extraordinário e diz respeito apenas à cidade de Lisboa e do Porto.

Extratando dos respectivos relatórios os elementos necessários, discriminados por freguesias e estas agrupadas por bairros administrativos, verifica-se que o número de fogos e o da população da cidade eram, em 1900, 1925 e 1950, os constantes do seguinte mapa:

	Freguesias	Fogos		
		1900	1925	1950
1.º BAIRRO				
1	Anjos - <i>Nossa Senhora dos Anjos</i>	4.530	6.751	9.317
2	Beato António - <i>S. Bartolomeu</i>	2.215	2.956	5.185
3	Castelo - <i>Santa Cruz</i>	484	512	520
4	Escolas Gerais - <i>S. Vicente</i>	1.706	1.941	2.443
5	Graça - <i>Santo André</i>	757	1.172	1.184
6	Monte Pedral - <i>Santa Engrácia</i>	4.299	5.465	11.840
7	Olivais - <i>Santa Maria</i>	1.486	3.109	5.598
8	Santo Estêvão - <i>Santo Estêvão</i>	1.268	1.365	1.243
9	S. Cristóvão e S. Lourenço - <i>S. Cristóvão</i>	1.401	1.731	1.641
10	S. Miguel - <i>S. Miguel</i>	810	956	1.021
11	S. Tiago - <i>S. Tiago</i>	533	636	693
12	Sé e S. João da Praça - <i>Santa Maria Maior</i>	1.305	1.226	1.852
13	Socorro - <i>Nossa Senhora do Socorro</i>	2.220	2.362	1.953
	Total	23.014	30.182	44.490
2.º BAIRRO				
1	Conceição Nova - <i>Nossa Senhora da Conceição</i>	672	429	338
2	Encarnação - <i>Nossa Senhora da Encarnação</i>	2.319	2.422	2.767
3	Madalena - <i>Santa Maria Madalena</i>	432	340	456
4	Mártires - <i>Senhora dos Mártires</i>	808	516	654
5	Pena - <i>Senhora da Pena</i>	2.438	2.598	3.381
6	Penha de França	-	3.089	12.280
7	Restauradores - <i>Santa Justa e Rufina</i>	1.344	1.031	852
8	Sacramento - <i>Santissimo Sacramento</i>	1.007	898	1.029
9	S. Jorge de Arroios - <i>S. Jorge</i>	2.837	7.275	17.793
10	S. José - <i>S. José</i>	2.352	2.328	2.874
11	S. Julião - <i>S. Julião</i>	712	761	185
12	S. Nicolau - <i>S. Nicolau</i>	868	615	711
	Total	15.789	22.302	43.320
3.º BAIRRO				
1	Ameixoeira - <i>Senhora da Encarnação</i>	67	90	247
2	Benfica - <i>Senhora do Amparo</i>	837	1.870	4.106
3	Camões - <i>Coração de Jesus</i>	1.493	4.020	5.373
4	Campo Grande - <i>Santos Reis Magos</i>	457	1.529	6.736
5	Carnide - <i>S. Lourenço</i>	351	437	597
6	Charneca - <i>S. Bartolomeu</i>	238	351	1.221
7	Lumiar - <i>S. João Baptista</i>	548	1.011	2.229
8	Marquês de Pombal - <i>S. Paulo</i>	1.387	1.692	1.776
9	Mercês - <i>Senhora das Mercês</i>	2.732	2.870	3.820
10	Santa Catarina - <i>Santa Catarina</i>	2.612	2.916	3.915
11	S. Mamede - <i>S. Mamede</i>	1.719	1.973	4.044
12	S. Sebastião da Pedreira - <i>S. Sebastião</i>	2.243	8.984	20.313
	Total	14.684	27.743	54.277
4.º BAIRRO				
1	Ajuda - <i>Nossa Senhora da Ajuda</i>	2.673	4.575	7.855
2	Alcântara - <i>S. Pedro</i>	4.965	7.866	8.789
3	Belém - <i>Santa Maria</i>	2.497	3.532	4.525
4	Lapa - <i>Nossa Senhora da Lapa</i>	2.595	3.380	4.027
5	Santa Isabel - <i>Santa Isabel</i>	7.380	11.946	18.107
6	Santos-o-Velho - <i>Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia</i>	4.208	4.826	6.243
	Total	24.318	36.125	49.546
	Total na Cidade	77.805	116.352	192.071

	Pessoas		
	1900	1925	1950
	20.301	31.773	34.716
	10.398	14.739	22.555
	2.675	2.699	2.091
	7.683	9.384	9.666
	3.475	4.746	4.629
	18.952	28.036	48.458
	7.164	13.202	23.409
	5.313	5.695	4.808
	5.788	6.688	5.980
	3.275	3.826	3.550
	2.964	2.999	2.804
	6.153	5.663	6.164
	10.072	9.308	7.555
	104.213	138.758	176.415
	3.249	1.860	1.248
	10.022	10.177	10.981
	2.231	1.547	1.433
	3.211	2.496	2.438
	12.449	13.674	13.573
	-	15.106	48.035
	6.491	5.492	3.714
	5.147	4.549	3.929
	12.141	33.619	71.104
	9.594	10.878	10.496
	3.593	2.619	570
	3.917	3.019	2.426
	72.045	105.036	169.947
	339	455	1.080
	4.053	8.132	17.843
	7.210	18.581	19.486
	2.222	6.852	31.294
	1.809	2.462	3.351
	1.161	1.487	4.646
	2.368	4.312	10.336
	7.450	6.877	6.828
	11.350	12.633	13.384
	11.546	13.916	13.342
	8.102	8.613	17.100
	11.838	46.194	86.584
	69.448	130.514	225.274
	10.862	20.117	34.420
	22.745	30.841	34.161
	12.994	16.706	24.637
	11.726	14.236	16.095
	31.953	50.046	72.377
	20.023	23.270	23.739
	110.303	155.216	205.429
	356.009	529.524	783.226

RESUMO:

Anos	Fogos	Habitantes	Número médio de pessoas por fogo
1900	77.805	356.009	4,57
1925	116.352	529.524	4,55
1950	192.071	783.226	4,07

Dos números indicados conclui-se que a população da cidade aumentou, no período de 1900 a 1925, de 173.515 habitantes o que representa um aumento médio anual de 6.940 habitantes ou seja 1,95 por cada centena; no período seguinte — 1925 a 1950 — o aumento total foi de 253.702 habitantes, o médio anual de 10.148 o que dá 1,91 por centena. O pequeno mapa a seguir parece-nos bastante elucidativo:

Anos dos Recenseamentos	Número de Freguesias	População registada	Diferenças totais	Diferenças médias anuais	Diferenças médias anuais relativas a 100 habitantes
1900	42	356.009	173.515	6.940	1,95
1925	43	529.524			
1950	43	783.226	253.702	10.148	1,91

Afim de tornar mais fácil a interpretação dos números que figuram no mapa que precede o anterior, tendo em vista sobretudo obter conclusões quanto ao movimento populacional das diferentes freguesias da cidade, elaborámos o mapa que segue e no qual se indicam as percentagens dos aumentos e diminuições verificadas no número de habitantes sendo as indicadas para 1925 estabelecidas em relação aos números de 1900 e os de 1950 aos de 1925, como é óbvio:

Bairros	Freguesias	1925		1950	
		Aumento %	Dimi- nuição %	Aumento %	Dimi- nuição %
1.º	Anjos	56,5	-	9,2	-
	Beato	41,7	-	53,	-
	Castelo	-	0 89	-	22,5
	Escolas Gerais	22,1	-	3,	-
	Graça	36,5	-	-	2,4
	Monte Pedral	47,4	-	72,8	-
	Olivais	84,2	-	77,3	-
	S. Estêvão	7,1	-	-	15,5
	S. Cristóvão	15,5	-	-	10,5
	S. Miguel	16,8	-	-	7,2
	S. Tiago	1,1	-	-	6,5
	Sé	-	7,9	8,8	-
	Socorro	-	7,5	-	18,8
2.º	Conceição Nova	-	42,7	-	32,9
	Encarnação	1,5	-	7,9	-
	Madalena	-	30,6	-	7,3
	Mártires	-	22,2	-	2,3
	Pena	9,8	-	-	0,7
	Penha de França	-	-	218,6	-
	Restauradores	-	15,3	-	32,3
	Sacramento	-	11,6	-	13,6
	S. Jorge de Arroios	176,8	-	111,4	-
	S. José	13,3	-	-	3,5
	S. Julião	-	27,1	-	78,2
	S. Nicolau	-	22,9	-	19,6
3.º	Ameixoeira	34,2	-	137,3	-
	Benfica	100,6	-	119,4	-
	Camões	157,7	-	4,8	-
	Campo Grande	208,6	-	356,7	-
	Carnide	36,	-	36,1	-
	Charneca	28,	-	212,4	-
	Lumiar	84,6	-	139,7	-
	Marquês de Pombal	-	7,7	-	0,6
	Mercês	11,3	-	5,9	-
	S. Catarina	20,5	-	-	4,1
	S. Mamede	6,3	-	98,5	-
S. Sebastião da Pedreira	290,2	-	87,4	-	
4.º	Ajuda	85,2	-	71,	-
	Alcântara	35,5	-	10,7	-
	Belém	28,5	-	47,4	-
	Lapa	21,4	-	13,	-
	Santa Isabel	56,6	-	44,6	-
	Santos-o-Velho	16,2	-	2	-

Analisados os elementos incluídos neste último mapa deles é possível extrair conclusões de certo interesse. Assim, verifica-se que a diminuição das populações que em 1925 era acentuada quanto ao 2.º bairro — justificada pelo alargamento de ocupação por parte de empresas comerciais em tal área da cidade — em 1950 se estende ao 1.º. Quanto àquele, e nos dois períodos, só se registam aumentos nas freguesias da Encarnação, da Penha de França (criada em 1918) e de S. Jorge de Arroios. As da Pena e de S. José apresentam diminuições em 1950 ao invés do sucedido em 1925. Pelo que respeita ao 1.º bairro só uma freguesia — a do Castelo — mantém a diminuição nos dois períodos sendo mais elevada no segundo, o que deve ter origem nas demolições efectuadas a quando da reconstituição do Castelo de S. Jorge.

Os números referentes aos 3.º e 4.º bairros são de tal forma eloquentes que quase se torna desnecessário fazer, sobre eles, quaisquer considerações. Anote-se, quanto ao 3.º bairro, o que exprimem, pelo que se refere ao sentido de desenvolvimento da cidade, as percentagens de aumentos, verificadas em 1950, nas freguesias da Ameixoeira, Benfica, Campo Grande, Charneca e Lumiar. E, considere-se ainda que aquelas percentagens incidem sobre os números de 1925 os quais, por sua vez, já acusaram um ritmo ascensional em relação aos de 1900. Ainda neste bairro é expressiva a queda de aumento no que se refere à freguesia de Camões, fenómeno que igualmente se produziu na de S. Sebastião da Pedreira se bem que numa escala bastante menos vultosa. E muito embora na índole deste nosso modesto trabalho não caiba o procurar-se a origem das flutuações registadas, quere-nos parecer que, nestes dois últimos casos, se deve filiar as diferenças apontadas na saturação, quanto a construções, das respectivas áreas.

Já pelo que diz respeito ao 4.º bairro, se exceptuarmos apenas a freguesia de Santos-o-Velho, os aumentos mantiveram-se dentro de limites aproximados em ambos os períodos considerados.

Expressivo é, também o quadro seguinte:

Anos	População de Lisboa	População de Portugal Continental	Relação da população de Lisboa para a de Portugal
1900	356.009	5.039.744	1 : 14,1
1925	529.524	—	—
1950	783.226	7.921.913	1 : 10,1

através do qual se verifica que a relação da população de Lisboa para a de Portugal continental que em 1900 era de 1:14,1, em 1950 havia

subido para 1:10,1 o que significa que a população da capital naquele primeiro ano correspondia a 7,06 % da do país, e em 1950 representava 9,89 %. Isto traduz uma acentuada concentração em Lisboa, facto que se vem registando em ritmo crescente desde 1878 e que, possivelmente, mais e mais se irá avolumando. A atracção da urbe quantas vezes coroada, para alguns, pelas mais amargas desilusões...!

Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra

por MÁRIO COSTA

D Catarina de Bragança, a infanta portuguesa que foi rainha na Grã-Bretanha, nasceu no paço de Vila Viçosa a 25 de Novembro de 1638, onde se aposentavam seus pais, os duques de Bragança. Durava ainda o domínio castelhano, e o duque D. João, que havia de ser o quarto, na ordem onomástica dos soberanos de Portugal, não previa então que, dois anos após, na tarde histórica de 15 de Dezembro de 1640, em pleno Terreiro do Paço, o melhor local para o povo dar largas ao seu patriótico entusiasmo, viria a ser aclamado rei restaurador.

Transportando-nos ao ano de 1661, em que Carlos II reinava em Inglaterra, e no nosso Portugal estava prestes a findar a regência de D. Luísa de Gusmão, por dela se ter apossado seu filho, o varão primogénito, D. Afonso VI de nome, encontramos aqui a infanta D. Catarina, já com 22 anos feitos e a quem tinham, até então, destinado três noivos — o duque de Beaufort (neto de Henrique IV, por bastardia), D. João de Áustria (filho natural de Filipe IV) e Luís XIV (de França). Iria casar afinal, com o soberano que representava a nossa velha aliada de três séculos, porque assim convinha aos nossos interesses.

Das conversações e aplanamento das propostas de ambos os lados, se encarregara o embaixador especial à corte inglesa, o 1.º conde da Ponte (D. Francisco de Melo e Torres). E tudo caminhava a contento.

Provando a simpatia que unia os dois povos, a Regência publicara em 28 de Abril a seguinte portaria:

«S. Mag^{de}., que Deus guarde, por mostrar contentamento pela coroação d'el-rei de Inglaterra, manda pôr luminárias em toda esta côrte, a noute de 3 de Maio

que vem, e que se façam com as folias e danças da terra todas as demonstrações de festa que fôr possível, e são aquele dia de gala.»

Vencidas as intrigas em que tinha sido fértil o embaixador espanhol, Carlos II pôde enfim anunciar ao seu Parlamento, em 21 de Maio:

«Tenho para vos dar uma boa nova. Vós ha muito que me desejais ver casado; agora vos digo, que não só estou resolvido a aceitar Esposa, mas brevemente haveis aqui a Sereníssima Infanta de Portugal, D. Catarina, por vossa Rainha.»

Finda a sessão do Parlamento, foi o nosso embaixador recebido por Carlos II, e, ao retirar-se, já de noite, teve a precedê-lo catorze tochas acesas, encontrando ao chegar a casa a banda da música de Sua Magestade, «atroando em nossa honra o sossêgo do bairro, e tocando em sinal de alegria muito brilhantes peças até à madrugada». Nas janelas pôs luminárias, mandou acender fogueiras, distribuir vinho ao povo, deitou dinheiro pelas janelas e a damas e cavalheiros deu de cear e brincos de âmbar.

O conde da Ponte, depois feito marquês de Sande, chegou a Lisboa a 5 de Agosto, a bordo duma fragata inglesa, com a missão de confirmar a notícia, já do conhecimento de D. Afonso VI: estava de todo ajustado o casamento de sua irmã com Carlos II. E nessa mesma data, o rei de Portugal assinou um decreto em que solicitava do Senado da Câmara ajuda para as festas que cumpria fazer e que constariam de iluminações, fogos de artifício, fogueiras, procissões, cavalhadas, jogos de canas e deslumbrantes corridas de toiros.

Devido a perturbações de ordem política em Inglaterra, tardou algum tempo a vinda da esquadra da armada real, incumbida de levar a seu bordo a infanta portuguesa e prestar-lhe as honras do protocolo. Por isso Richard Fanshawe, o tradutor dos *Lusíadas*, que viera a Portugal com a missão especial de acompanhar a futura rainha da Grã-Bretanha — desembarcou em Lisboa em Setembro de 1661 —, e era portador do tratado de casamento para ratificação, regressou ao seu país sem que se houvesse desempenhado da honrosa incumbência.

Só a 10 de Março de 1662 fundearam nas águas do Tejo as 20 unidades navais encarregadas de tal honra, comandadas pelo almirante conde de Sandwich, que desembarcou em Belém e foi conduzido ao palácio do Corte-Real, onde se hospedou, bem como a sua comitiva, composta de varões e damas da mais alta aristocracia britânica, destinados ao serviço de D. Catarina de Bragança. Foram acompanhados por um luzido e brilhante cortejo, de que Dick Stoop nos deixou um sugestivo flagrante, como também de outras das principais fases das cerimónias em Lisboa, no mar, em Portsmouth, em Londres e em Hampton-Court, onde os noivos ficaram a residir.

As festas em Lisboa iniciaram-se com um solene *Te Deum* na capela do Paço da Ribeira, beija-mão e procissão de acção de graças, da Sé para a Igreja de S. Domingos. As luminárias deram à cidade um efeito feérico. Fizeram prodígios os consagrados cavaleiros que correram toiros no Terreiro do Paço.

No decorrer de tantos festejos, todos vistosos e sempre animados, depressa chegou o dia 23 de Abril, data marcada para o embarque da que já era rainha de Inglaterra. A festa foi de tal ordem, que «amotinou a grande Lisboa», no dizer de Castilho. D. Catarina levava como



Marcha solene da Rainha D. Catarina, quando da sua partida para Inglaterra.
Embarque da mesma Augusta Senhora.

dote dois milhões de cruzados (de que só metade seguiu com a esquadra, devido à precária situação do Tesouro), a cessão perpétua de Tânger e Bombaim, a liberdade de comércio para os ingleses no Brasil e Índias Orientais e um carregamento de mil caixas de açúcar. O rei de Inglaterra, que se obrigava a garantir o livre exercício da religião

católica a D. Catarina, estabeleceria por sua morte uma doação de trinta mil libras por ano e um palácio para residência de sua esposa.

A Rainha também levou consigo lindos contadores indianos, como nunca se tinham visto em Inglaterra, na afirmativa de João Evelyn, no seu *Diary*.

Deste enlace real resultou o tratado de Whitehall, assinado em 23 de Junho de 1661, que reforçou a aliança luso-inglesa que vinha desde 1373. A Grã-Bretanha assegurou a Portugal o auxílio militar na guerra contra Castela. Na data do embarque, que caiu a um domingo e foi considerada de grande gala, o Paço da Ribeira mostrava-se exuberante, com as janelas profusamente embandeiradas, e, em todas as salas, guarnecidas de ricas e lindas tapeçarias, fervilhavam fidalgos e grandes da Corte.

Formou-se um esplendoroso cortejo que seguiu pela Tanoaria, Calçetaria, Ruas Nova e da Padaria, até à Sé, onde foi rezada missa e solene *Te-Deum*, a que assistiram, além da noiva, o monarca reinante, infantes e toda a Corte e autoridades eclesiásticas, civis e militares. A rainha D. Luísa de Gusmão ficou no paço, onde se despediu de sua filha, que não tornaria a ver.

Pelas ruas juncadas de espadana e decoradas com arcos e bandeiras, as janelas ostentando ricas colchas e damascos, passaram os luxuosos coches da casa real e filas de soldados da guarda real. Os grêmios dos ofícios mecânicos contribuíram com originais e ricos motivos de ornamentação, e teve grande realce o vistoso colorido da porta da Casa da Índia.

Depois da cerimónia religiosa refez-se o caminho percorrido, e todos admiraram uma vez mais o deslumbrante engalanamento das ruas, transpondo no fim o arco triunfal do Terreiro do Paço, que o Senado da Câmara tomara a seu cargo.

Durante o desfile volteavam as danças e folias, e ouviam-se trombetas, pifanos charamelas e menestreis. Troavam sem cessar, numa manifestação festiva e de grande contentamento, os repiques dos sinos das igrejas e conventos.

Chegara a hora. A nau principal — «Great-Charles» — estava pronta e armada em grande gala. Um outro lindo espectáculo ia desenrolar-se. Transposta a ponte principal, entraram para o bergantim real D. Catarina de Bragança, D. Afonso VI, o infante D. Pedro, as damas da Rainha, os embaixadores e os grandes das duas Cortes. E, na cauda desse lindo transporte, seguiram repletas quinze gôndolas e outras barcas, lindamente decoradas, conduzindo elementos de todas as castas. Os fidalgos e a gente do povo, vitoriavam sem cessar.

Noutras embarcações, pintadas com brilho e luxuosamente empaquetadas, iam danças e folias, trombeteiros e chameleiros tocando com alegria e frenesi. E, mais próximo do bergantim real, seguiam os cantores, para que as suas vozes fossem ouvidas pela real personagem, suas damas e mais comitiva de honra.

Entrou a Rainha a bordo da nau capitania e passou à sua câmara que estava transformada num aposento de grande luxo, todo recoberto de alcatifas, tapetes e veludos de alto preço. Troaram os canhões. A tripulação fez as saudações do estilo.

A esquadra não pôde sair porque se levantaram ventos contrários. Nessa noite todos puderam admirar os fogos de vistas, as luminárias e o cortejo-serenata das embarcações, vogando em volta do navio chefe. Na manhã seguinte deu-se ordem de levantar ferro, mas logo foi necessário ancorar em frente a Belém; e só no terceiro dia a armada pôde seguir viagem, correspondendo às salvas de honra que saíam de todas as fortalezas. O rei e o infante D. Pedro aproveitaram os dois dias de retenção em águas lusitanas, para visitarem a miúdo a irmã amada que se retirava do seu convívio.

Foi tormentosa a viagem e durante ela houve da parte das altas personagens da Corte de Inglaterra o especial propósito de animar a Rainha, muito saudosa da sua terra e dos seus bem queridos. A pedido do duque de York, irmão do rei, que numa outra esquadra veio ao encontro de D. Catarina, esta soberana vestiu-se um dia à portuguesa e deu audiência à comitiva, que lhe beijou a mão.

A 24 de Maio chegou a esquadra às águas de Portsmouth, e só então a Rainha pisou terra firme da sua nova pátria. No desembarque, recebeu as maiores honrarias e foi delirantemente aclamada pelo povo.

Depois do encontro com o seu Esposo, em 30, chegaram ambos a Hampton-Court em 8 de Junho, onde foram recebidos com grandes demonstrações de júbilo; e, finalmente, em 3 de Setembro, entraram solenemente em Londres, e as manifestações tornaram-se apoteóticas.

Foi penosa e agitada a vida desta Rainha, nem sempre compreendida pelo Rei seu marido e pelo povo. A sua origem portuguesa deixou no Reino Unido um hábito que entrou na tradição: o *five o'clock tea*. O ambiente musical em que viveu no paço da Ribeira, e a tradição do mesmo, levou-a a introduzir na corte inglesa a ópera italiana, que no seu tempo aí se cantou pela primeira vez. Enviuvou aos 52 anos, vivendo durante sete anos no palácio de Somerset-House, em Londres. Regressou a Portugal em 1693, residiu nos palácios do Calvário, dos Condes de Redondo (a Santa Marta), dos condes de Soure (ao Bairro Alto) e dos condes de Aveiras (hoje Paço Nacional de Belém), e mandou edificar em 1694 o Palácio da Bemposta, onde faleceu a 31 de Dezembro de 1705. Então a Corte orou em recolhimento. Os sinos das igrejas e conventos também desta vez se ouviram, mas em dobre de luto.

De regresso à sua Pátria de nascimento, coube a esta ex-rainha, por duas vezes, tomar conta da regência do Reino, por impedimento de D. Pedro II: em 1704 e 1705.

Vieira Lusitano e António Joaquim Padrão

pelo PROF. ERNESTO SOARES

POUCAS serão as pessoas, mesmo com elementares conhecimentos de arte portuguesa, que não tenham no ouvido estes dois nomes, Vieira e Padrão como exímios artistas na arte de gravar sobre chapa de metal no nosso país no século XVIII, tão ligados eles se encontram que ao citarmos um, logo nos ocorre o nome do outro.

Nem é de admirar que assim suceda, porquanto Padrão tendo sido discípulo de Vieira seguiu tão de perto a sua maneira que conseguiu imitar o mestre, senão sobrelevá-lo, no emprego da água-forte.

As produções de Padrão revelam uma personalidade artística distinta da do mestre, na leveza, graciosidade e delicadeza do desenho feito directamente sobre a chapa de metal, contrastando com a liberdade e a energia do traço de Vieira.

O discípulo mesmo reproduzindo composições do mestre, adoçava-lhe, com a leveza da sua ponta o tracejado largo e profundo, obtendo uma suavidade nas águas-fortes que o colocam num plano superior a todos os artistas que naquela época ensaiaram este género em Portugal.

Os próprios estrangeiros aqui residentes nesse século, Guillard, Le Bouteux ou Rochefort apresentam uma maneira muito diferente, podendo afirmar-se que Padrão não os adaptou para modelos. E, caso curioso, o artista português apreciava os trabalhos dos seus camaradas estrangeiros de tal forma que nos seus albuns de águas-fortes existentes na Biblioteca de Évora, onde o artista português soube coleccionar produções dos maiores aguafortistas europeus, lá se vêem, em tiragens especiais, estampas de Quillard e de Le Bouteux que ilustraram obras portuguesas.

A obra de Padrão não é vasta mas são de relevar, a «Aparição de Jeová a Moisés», conhecida pela «Sarça Ardente»; «S. Paulo»,

com a sua expressão de iluminado, apoiando a sua mão esquerda na cruz da espada, atributo próprio do seu estilo violento e cáustico ou, como pretendem alguns hagiólogos, o instrumento do seu martírio. Perfeitamente integrado nos assuntos religiosos e, adoptando especialmente, pequeninas produções que todos conhecemos pela singela designação de «Registos de Santos» são de salientar como frutos do seu lápis ou do seu buril: *Nossa Senhora da Lapa*, *Nossa Senhora da*



Quê rezar a esta S.ª hã vez cada dia a Avô
 Eg. Vieira Lus. im. M. Sal. R.ª ganha 500 dias de Indulgencia. Pedraõ sculp.ª

Estrela, *Nossa Senhora de Balsemão*, *Nossa Senhora de Jesus*, *Nossa Senhora das Barracas*, *Santa Bárbara*, *Santa Gertrudes Magna*, *S. Pedro* e outros que, frequentemente, aparecem em mão de colecionadores.

Há, todavia, uma estampa dedicada à *Regina Angelorum* de que apenas era conhecido um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mais tarde outro na Biblioteca de Évora na já citada colecção

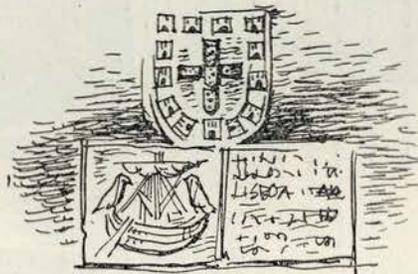
que pertenceu a Padrão e, generosamente, oferecida por ele a D. Fr. Manuel do Cenáculo, seu admirador e protector.

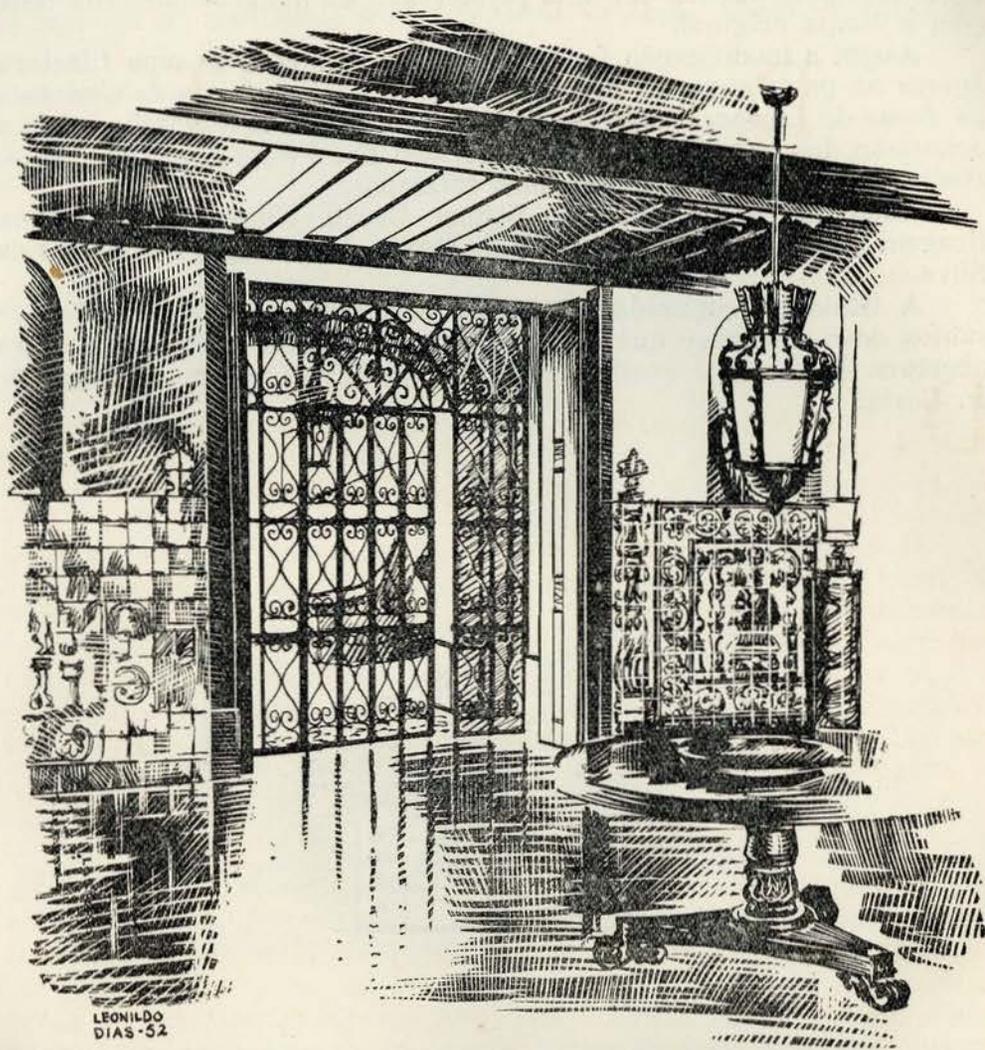
A história desta linda estampa é por isso pouco conhecida, raros saberão que a chapa deste registo foi modificada para designar uma *Nossa Senhora do Patrocínio*. Raríssimos são os exemplares desta espécie e uma feliz circunstância deu ensejo a que ela possa ser apreciada pelo público em uma primorosa estampagem moderna feita com a chapa original.

Assim a modificação feita na chapa é apenas a de uma filacteria aberta na parte superior onde se lê: *N. S. do Patrocínio do Convento de Jesus de Lisboa*. Todavia, na legenda inferior a indicação sobre a concessão das indulgências e a subscrição *Eq. Vieira Lus. inv. - A. J. Padrão sculp.* são comuns às duas estampas.

Adquirida a gravura pelo Senhor Garcia Nunes foi feita uma tiragem limitada pelo estampador do Banco de Portugal Sr. Bastos da Silva.

A título de curiosidade para os coleccionadores de registos de santos devo informar que o desenho de Vieira foi aproveitado, para abertura de chapas a buril, por Manuel da Silva Godinho e Raimundo da Costa.





Palácio de Carnide — Recanto do átrio

A PROPÓSITO DE D. JOÃO II

pelo DR. FERNANDO DA SILVA CORREIA

(Continuação)

D. Afonso V, ao partir para o Toro deixara D. João, seu filho, como Regente do Reino com tais poderes que, verdadeiramente pode dizer-se que começou nesse momento, em 25 de Abril de 1475, o domínio e a reforma radical da arte de governar do *Príncipe Perfeito*.

As hesitações crescentes, atingindo por vezes o grau de tontices, do Rei D. Afonso V, sucederam-se. A aventura da ida a Castela foi o desmoronar do seu reinado e do seu prestígio de homem valente e culto, ao mesmo tempo crescia inesperadamente, o do filho.

A aceleração deste desabrochar dum novo rei que ainda o não era mas já reinava mais do que o próprio Rei, inquietou a nobreza, de que os Braganças eram o mais alto expoente. A reacção contra o que se anunciava começou logo.

*

E então os acontecimentos desenrolaram-se num *crescendo* de sinfonia heroica, crescendo constante para D. João II, cortado de *staccatos* devidos a intrigas, influências e conjuras, cada vez mais desesperadas, dos que, a seguir à exigência da nova fórmula de juramento de fidelidade exigida pelo jovem monarca aos nobres, havia de colocar o seu reinado como porta aberta a uma nova era para a Nação e até para o Mundo, em que a sua acção pessoal é manifesta e indelével.

D. Afonso V, entretanto, com 43 anos, actuava como se tivesse 80. Depois de abdicar, surgiu de novo inesperadamente como fantasma, dando alento e arrojo imprudente aos nobres, até que morreu *definitivamente*, como os enforcados «para sempre» — quando os irmãos

da Misericórdia de Lisboa iam por eles ao Campo de Santa Bárbara para lhes darem sepultura caritativa — em 26 de Agosto de 1481, com 50 anos.

E D. João II começou finalmente o *seu* reinado, desta vez sem interrupção. Quem ignora os pormenores desse reinado glorioso, A quem poderia eu vir aqui, trazer ensinamentos, a esta assembleia de gente culta? Recordar os factos fundamentais seria como que uma ladainha monótona à sua memória, antes digna de ser recordada em estrofes como as de Camões.

Não me sujeitaria a tal.

Evocar a multiplicidade das suas actividades, lutas, energia, coragem e brilho, durante os 14 anos do seu reinado — de 1481 a 1495, que se seguiu às regências de 1475 e 1476 (antes e depois da Batalha do Toro, pois durante ela ficou D. Leonor) e o *pré-reinado* de 1477 a 1481 — ao todo um ano de Regência e quatro de pré-reinado, o que, junto aos 14, perfaz 19 anos de poder?

Como caberia tanta glória nos limites duma palestra?

Ele, que herdou a nobre *vocação apostólica* do seu Tio-Avô, o Infante D. Henrique, e acendeu o rastilho das descobertas, por ele levadas além do Bojador, ao Cabo Branco, ao Cabo Verde, ao Senegal, até ao paralelo de 8° ao N. do Equador, estabilizando as Conquistas feitas tão pacificamente quanto possível, cristianizando os povos indígenas, mas transformando ao mesmo tempo, cada vez mais, as terras ocupadas em fontes de riqueza, pela exploração do oiro e pelo comércio, só parou no Cabo das Tormentas, que transformou no da Boa Esperança, pois com tal descoberta abria segura e conscientemente o caminho para a viagem da Índia, por ele preparada mas a que a morte lhe não permitiu já assistir.

A sua *vocação diplomática*, documentada em tanta intervenção hábil e oportuna, tendo de haver-se com gente tão hábil como os reis católicos, seus mais cordeais inimigos, ou tão desconfiada como os reis ou senhores do Congo, da Mina, da Etiópia, da Índia, ou interesseira e vendo nele um perigoso competidor comercial, como os de Veneza, Génova e Florença — isto na época em que a escola pérfida de Luiz XI estava na moda e em que se gerava o maquiavelismo — atrevendo-se mesmo a contrariar a Santa Sé, em tal período e apesar de inimigo do Cardeal de Alpedrinha que era então um dos árbitros do Vaticano...

A *rivalidade com Castela*, manifestada por várias formas, desde a debandada ridícula dos dois reis D. Afonso V e Fernando o Católico no Toro, debaixo de chuva, convencidos ambos de que haviam sido derrotados, na confusão da noite, mas em que D. João ficou, único galo no poleiro, como vencedor incontestado.

As *conjuras*, pirraças, negaças, garotices ou infâmias que se seguiram e a que ele teve de fugir com o corpo, ora servindo-se do Príncipe D. Afonso, ora de Colombo, ora de espiões ou fiéis servidores, contra

os Braganças, de tal modo o puseram à prova que sua Prima e Comadre Isabel a Católica teve de convencer-se de que, na verdade, tinha na sua frente um *Homem*, bem diferente do seu glorioso consorte...

A *valentia* do Príncipe Perfeito fôra já demonstrada em Arzila aos 16 anos, onde quis ir, como vimos, contra o parecer de todos, batendo-se como os mais arrojados, nos lugares onde o perigo era maior e conquistando a admiração geral; continuada no Toro, aos 20 anos, onde ninguém lhe contestou a vitória; confirmada nas brigas nocturnas, quando andava como qualquer rapaz, com amigos, em busca de aventuras galantes, uma das quais ali para os lados de Santa Justa e em que feriu vários que o atacaram e aos que o acompanhavam, por o não conhecerem, (numa delas parece que o Duque de Bragança que o agrediu sabia quem era) ferindo ele vários, que no dia seguinte cavalheiresca e cristãmente, mandou tratar com discreção pelos seus cirurgiões, regressando a casa sem uma beliscadura; mantida, anos depois de ter começado a reinar, quando um dia, em Alcochete, indo a pé com a Rainha e várias damas e muitos fidalgos lhes surgiu pela frente um toiro, fugindo toda a gente, e em que ele, «tomando a Rainha pela mão», lhe cobriu o corpo e esperando o bicho com a capa no braço e a espada firme na mão até aquele passar sem por acaso arremeter contra o Rei, envergonhando os nobres, arrependendo furioso a seu pagem da lança que por um pouco lhe não dava a espada a tempo, antes de na rapidez do lance empunhar esta; e durando sempre, demonstrada em mil circunstâncias, enquanto durou a luta com os nobres e até poucos dias antes de morrer, andando a cavalo, doente numa caçada aos javalis.

A sua *cultura* ficou demonstrada ao tomar conta da herança do Infante D. Henrique, seu tio, e ao manter e estimular os estudos indispensáveis à intensificação e aperfeiçoamento da navegação e ao cuidado com que planeava as sucessivas descobertas, como o impunha sempre quando discutia ou tratava com pessoas cultas, com embaixadores, cosmógrafos navegadores, juristas, médicos, etc.

A sua crueldade e desumanidade, porém, ficou assinalada por dois factos impossíveis de esquecer, o assassinato do Duque de Viseu e o envio das 2.000 crianças judias para S. Tomé, embora o primeiro tudo leve a crer que haja sido consequência de alguma insolência que tornou impossível ao seu génio assomado e violento reprimir-se, e o segundo só seja admissível devido a informações lisonjeiras sobre o clima e modo de viver na Ilha e o exemplo de outras ilhas, da Madeira e Açores, por exemplo, onde a colonização se tinha feito de modo a tal decisão que vitimou a breve trecho 1.600 das crianças, não poder senão depois (quando é fácil invocar inteligência a toda a gente em face dos factos) considerar-se imprevidência indesculpável, quanto mais crueldade, escolher tal sítio para facilitar a salvação das almas dos filhos dos judeus.

O caso é que estes dois acontecimentos ficaram, com a penalidade com que entendeu castigar, na cisterna do castelo de Palmela, sem água e transformada em prisão, a quota parte da culpa do Bispo de Évora na conspiração dos nobres a manchar para sempre a memória do Príncipe Perfeito. Não se diga, porém, que ele apunhalou o cunhado covardemente, com as costas quentes pois tal acto seria impróprio da sua psicologia, documentada em todos os actos da sua vida. Ele planeara e ordenara em face dos depoimentos de testemunhas e confissões de alguns conspiradores, a morte do Duque de Viseu. Atraiu-o a Setúbal e levou-o à sala escolhida para a execução, sem dúvida. Mas o gosto de ele próprio o apunhalar só pode explicar-se pela hesitação de Diogo de Azambuja e seus dois cúmplices em cumprirem as ordens do Rei, bem diferente da atitude dos Conselheiros de D. Afonso IV ao executarem sentença semelhante contra Inês de Castro!

III - *Alguns factos dignos de maior relevo*

Nunca mais terminaríamos se nos propuzéssemos, a propósito de *D. João II*, recordar a seu respeito tanto e tanto que toda a gente sabe. Perdõem V. Ex.^{as} mesmo que, apesar da promessa feita, lhes tenha trazido já tantas banalidades.

Há todavia alguns factos da vida do grande Rei que, por serem pouco citados, me parece merecerem ser mais postos em relêvo.

Um deles é a empresa incrível de transportar para a Mina, occultamente, um forte *pré-fabricado* com todas as pedras já aparelhadas e lavradas, madeiras para as portas e janelas prontas para serem lá colocadas e todo o material preciso para tudo ser construído rapidamente evitando assim, quanto possível, as demoras e prejuízos ou mortes devidas a doenças a que o mal afamado clima podia dar lugar e, ao mesmo tempo quaisquer traições dos indígenas. Todo esse material incluindo cal, telha, ladrilho, pregaria, ferramentas e toda a espécie de acabamentos, bem como mantimentos, foi transportada em segredo, em navios grandes, mas de pouca dura, e em arcas, destinadas a não regressar, por serem abandonadas ou queimadas, fazendo-se crer, manhosamente, que o mar era ali tão bravo que havia afundado dois navios o que contribuía para evitar concorrentes...

E, em verdadeiros navios e caravelas, seguiram cem artífices competentes e quinhentos homens de armas e servidores, com mais mantimentos, medicamentos e mercadorias várias, para negociar com os indígenas e presentes para o rei destes, a quem solenemente, depois de mostras de simpatia, foi feito um discurso, terminando por se lhe pedir licença para ali se construir uma casa destinada a guardar as mercadorias que, com as deles se fossem trocando, ao que ele, sensibilizado pelas palavras, que um interprete lhe foi traduzindo, acedeu de boa vontade, fazendo-se a construção, segundo Ruy de Pina, em 20 dias.

Este golpe de boa técnica, inteligência, psicologia, audácia e manha, para instalar na Mina o Forte de S. Jorge, fonte de tantas riquezas para Portugal, define admiravelmente a ténpera de D. João II, que confiou a direcção de tão difficil e melindrosa missão às «bondades lealdade e grande esforço e discreção de Diogo de Azambuja», o mesmo que encarregou — não esqueçamos — de liquidar de vez o irrequieto, atrevido, persistente e irreconciliável inimigo que era o seu cunhado duque de Viseu, que ainda *bulia*, apesar das trágicas e espectaculosas mortes do Duque de Bragança e seus companheiros, iniciadas um ano antes, e das promessas de emenda pedidos de perdão da parte dele.

*

Outro facto, que — principalmente por falar neste lugar, perante Vossas Excelências — não pode deixar de nos tocar a todos, é o de D. João II, desde, pelo menos, o dia da sua aclamação, se ter proclamado como *amigo de Lisboa* (porventura o primeiro que como tal se inscreveu) ao dizer textualmente que resolvera ser aqui aclamado como Rei, depois de o haver aliás já sido em Sintra, talvez para poupar trabalho ao Duque de Bragança e aos seus, em esforços para o impedir de o fazer, «por esta cidade ser a principal e cabeça destes reinos, que sua senhoria *muito amava, presava e estimava por seus merecimentos, lealdade e nobreza*» — O que não quer dizer que, a seguir, não tivesse feito andar, durante o seu reinado, a Corte sempre em bolandas, devido à peste ou outras causas, por Santarém, Almeirim, Évora, Setúbal, etc.

E, visto termos aberto a inscrição dos *amigos de Lisboa*, aproveitamos a ocasião para, logo junto da de seu Marido, vermos e conferirmos a da Rainha D. Leonor, que numa carta dirigida à Câmara Municipal expressamente dizia que não considerava como vividos os dias que passava fora de Lisboa:

«Vereador, provedor e procuradores dos misteres: Nós, a Rainha, vos enviamos muito saudar! Cremos que sabeis *pelo amor e grande afeição que temos a essa cidade, que nenhuma coisa tanto desejamos como haver do Nosso Senhor comprimento de sauda para nela podermos estar com socego, que o tempo que fora dela gastamos havemos que não é viver*» etc. (1).

Era assim que começava a carta que a Rainha D. Leonor mandou das Alcáçovas em 25 de Setembro de 1495, exactamente um mês antes da morte de D. João II e cinco dias antes de, precisamente nas Alcáçovas, ter feito o seu testamento e designado D. Manuel como seu sucessor, cedendo enfim aos argumentos de sua Mulher que há muito o procurava disso convencer.

Alguém duvidará da idoneidade ulisipófila dos dois Príncipes Perfeitos?

(Continua)

(1) Conf. Elaine Saineeau, *D. João II*, pág. 288.



Feira da Ladra

Calemburgos

QUASE ninguém ignora que Johan Voetelink, cidadão holandês, é um dedicado amigo de Portugal. Porém, só entrando na sua intimidade se avalia quão profundos são os seus conhecimentos em tudo o que diz respeito ao nosso país.

Voetelink é uma pessoa relacionadíssima em Portugal. Vivendo na Holanda, assina os jornais portugueses e por eles está permanentemente ao corrente da nossa vida. Fala e escreve a nossa língua com desembaraço, correcção e elegância literária, o que lhe grangeou a distinção de reger, durante a última guerra, a cadeira de português na Universidade de Amsterdam, por indicação do nosso Instituto para a Alta Cultura.

Conhece Portugal de norte a sul, pois é aqui, ao torrão lusitano, que ele vem passar geralmente as férias. Não basta dizer que tem profundo conhecimento da literatura portuguesa, mas é preciso acrescentar que recita de cór, sem a menor hesitação, os *Lusiadas* ou a *Ceia dos Cardeais*, António Nobre ou Lopes Vieira.

Na sua biblioteca e na sua discoteca predomina tudo o que é português. Esta amizade vem de longa data, cada dia se estreita mais e mais com a conquista de novos amigos e são sem conta os serviços que este culto holandês tem prestado à nossa Pátria. O Sr. Marechal

Carmona, de quem era amigo pessoal, condecorou-o com a comenda da Ordem de S. Tiago da Espada.

A sua conversação, assim como a sua correspondência, constituem motivo do maior encanto. Uma das pessoas com quem Voetelink se corresponde assiduamente é o nosso amigo Mário de Noronha. Dessas cartas vamos extrair dois trechos — olisiponenses é claro — que redobram de graça precisamente pelo facto de terem saído da pena de um holandês.

Durante a última guerra, em Amsterdam, como em quase toda a Europa, passavam-se severas privações de alimentação. Voetelink escreve a Mário de Noronha, relatando as dificuldades em que ali se vivia, e este apressa-se a acudir ao seu amigo, conseguindo enviar-lhe alguns comestíveis. Mas a situação prolonga-se e Mário de Noronha continua a acudir às aflições do seu amigo holandês. Voetelink agradece comovidamente a dedicação e escreve-lhe um dia:

«Meu caro Mário — Os teus presentes são aqui recebidos festivamente. Só as latas se não comeram, mas foram aproveitadas. Não tenho palavras para agradecer-te e só me pesa que sendo tu agora para mim o PALÁCIO DA AJUDA eu não represente para ti nesta ocasião mais que um PALÁCIO DAS NECESSIDADES...!!!»

Doutra vez, Mário de Noronha foi alvo de uma distinção relatada com certo

relevo na Imprensa de Lisboa. Joahn Voelink que não só assina os jornais portugueses, mas os lê de *fio a pavio*, apressa-se a felicitar o seu dilecto amigo da *Lisbia Amada* e diz-lhe imediatamente numa carta:

«Meu caro Mário, venho enviar-te as minhas efusivas felicitações pelas notícias que os jornais daí publicam a teu respeito e bem avalias decerto quanto me congratulo de te ver subir no ELEVADOR DA GLÓRIA!!!

H. R.

Afinidades dos Amigos de Lisboa

VINTE anos passados sobre a fundação do nosso Grupo, pode afoitamente proclamar-se que a sua actuação tem tido aspectos meritórios e eficientes, não só nos campos que lhe estão confinados pelos Estatutos, mas em muitos outros.

Desejamos hoje apenas dedicar algumas palavras de comentário à existência de três interessantes colectividades lisboetas, para onde se tem irradiado algum do calor que anima a nossa agremiação. São elas: a Polyphonia, o Centro de Profilaxia da Velhice e a Alegria de Viver.

Na primeira, pontifica como se sabe, o nosso querido confrade e sábio olisipógrafo Mário de Sampaio Ribeiro, que na Direcção da Polyphonia, como seu Cantor-Mor, vem desenvolvendo uma acção nunca assaz louvada, no sentido de fazer reviver a música polifónica portuguesa. As suas audições, aquém e além fronteiras, umas para auditório reservado, outras como parte integrante de festividades nacionais e bastantes ainda como espectáculo público de concerto coral, são contributos dos mais notáveis que em qualquer época e em qualquer país se tem prestado à causa da boa música.

Entre a Polyphonia e os Amigos de Lisboa existe desde a primeira hora uma

verdadeira e recíproca compreensão, não sendo ocioso recordar que mais de uma vez Sampaio Ribeiro e o seu brilhante agrupamento promoveram amavelmente concertos para os Amigos de Lisboa.

O Centro de Profilaxia da Velhice ou Instituto de Gerontologia foi fundado em 1949 para um fim dos mais nobres: higienizar fisicamente e espiritualmente a vida das pessoas idosas.

Apesar da sua fundação recente, esta instituição conta já um arquivo de realizações impressionante: — visitas de estudo, exposições, cursos adequados, viagens e excursões no país e ao estrangeiro, uma delas a Roma. Fez a Profilaxia reunir em Lisboa o primeiro Congresso Internacional de Gerontologia com a participação de delegados congressistas de dezasseis nações. Os seus almoços (que umas vezes são simples almocinhos, mas que outras são verdadeiras almoçadelas e até profiláticos almoçarrões) costumam ser concorridíssimos e cheios de espírito.

Com esta importante e humanitária agremiação mantém o nosso Grupo também uma íntima e frutuosa convivência.

Essa bela alma, esse culto homem que é o Dr. Paulo de Cantos consegue repartir os seus tesouros de ternura e o seu poder de galvanização pela numerosa família Geronte, mantendo como Secretário-Geral, aquela colectividade em alta temperatura funcional.

Desta última sociedade destacou-se há pouco um agrupamento que se denomina Alegria de Viver, chefiado por uma personalidade invulgarmente comunicativa que é o Eng. Álvaro Lima. Figurando ali tanto Gerontólogos como olisiponianos, só temos a desejar que a nova instituição se consolide para o fim de estabelecer uma amistosa e fraternal convivência entre os seus componentes, *per sæcula sæculorum*.

H. R.

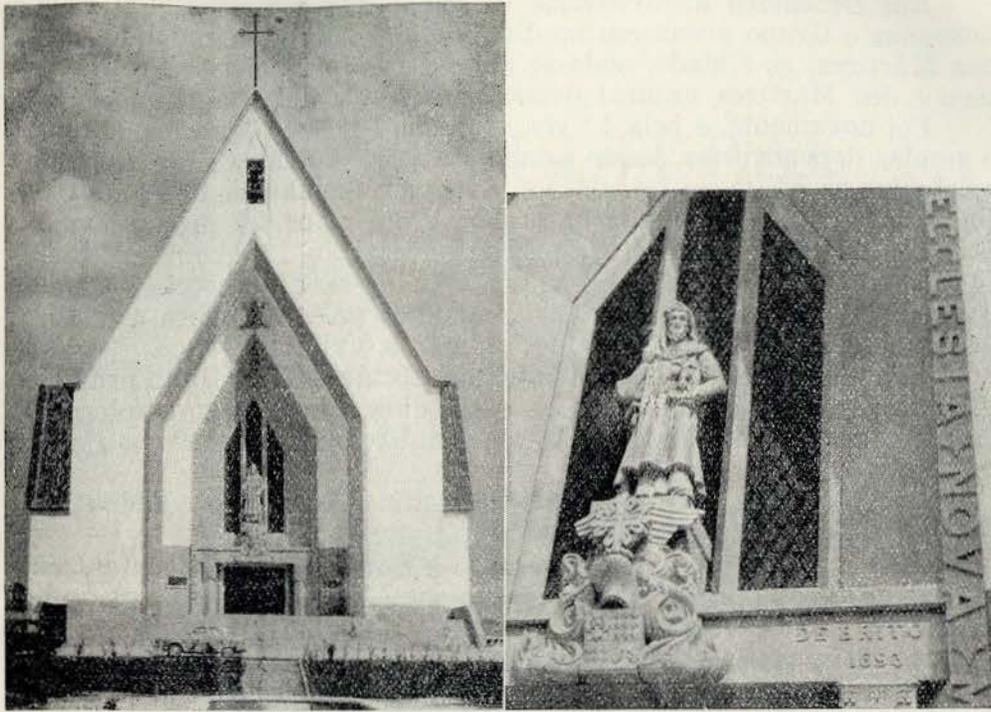
ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

COMO se anunciou no dia 13 de Novembro iniciaram-se as atividades culturais do Grupo, com a visita de estudo à Igreja de S. João de Brito, no Bairro de Alvalade, visita que foi dirigida pelo nosso consócio o Arq. Sr. Vasco Palmeiro (Regaleira) autor do projecto do templo; essa visita reuniu numerosos sócios, como se vê pela gravura junta, e foram visitados, o templo e as suas dependências para fins instrutivos e assistenciais.



No templo estão aplicados alguns mármore e altares da velha e demolida igreja da Conceição Nova, cuja Irmandade para a nova igreja foi transferida.



Publica-se uma fotografia da fachada da igreja visitada, gentilmente cedida pelo seu autor o nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

No dia 24 realizou-se na sede a 3.^a sessão dos «Colóquios Olisiponenses» tendo o Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento em *Vida de um forasteiro de visita à capital na segunda metade do século passado*, referido, hábitos, preços de hotéis, restaurantes e casas de espectáculos e alguns episódios da época.

O dr. José Cruz descreveu a *Arte da silhueta através dos tempos e em relação a alguns vultos alfacinhas*.

O Sr. Eduardo Portugal leu uma carta da sua autoria de espírito faceto, referindo a propósito nomes de ruas lisboetas.

Finalmente a Sr.^a Dr.^a D. Maria de Lourdes Bártolo apresentou uma *Vista panorâmica de Lisboa* em fotocópias, vindas da Holanda, de particular interesse, visto tratar-se dum desenho, artístico e notável documento para a historiografia olisiponense, pois nela aparecem particularidades até agora desconhecidas. A apresentante fixa o primeiro quartel do século XVI ao documento apresentado que foi largamente apreciado pelos sócios presentes.

O notável trabalho da Dr.^a Bártolo vai em breve ser publicado.

Em Dezembro aproveitando o ensejo das comemorações Bartolomeanas o Grupo promoveu no dia 18 uma visita de estudo à Basílica dos Mártires, ao Chiado, onde se guarda uma relíquia de Frei Bartolomeu dos Mártires natural dessa freguesia e nela baptizado.

Foi novamente, e pela 4.^a vez, visitado o templo e as suas luxuosas e amplas dependências, tendo estado patente as alfaias e obras de arte existentes no edifício e foi visitada a sede da Irmandade de Santa Cecília, que agrupa os músicos de Lisboa e onde nos foi proporcionada, pelos seus dirigentes, uma interessante exposição documental. Receberam-nos os membros da Mesa da Irmandade o nosso consócio Sr. Mário de Sampayo Ribeiro, que proferiu algumas palavras sobre a história da Irmandade e os Srs. António Valente e Valério Franco.

Já a 15 do mesmo mês, na sede, o Secretário-Geral tinha proferido uma conferência, que neste número se publica, bem como a fotografia da relíquia referida; conferência que se intitulou *Um arcebispo Primaz natural de Lisboa*.

A esta conferência dignou-se assistir o Reverendo Padre Rolo Reitor do Seminário Dominicano de Fátima.

A 31 realizou-se a visita de estudo à *Exposição de Lisboa anterior ao terremoto* que foi dirigida pelo nosso Vice-Presidente da Junta Directiva e autor e orientador da maqueta Sr. Gustavo de Matos Sequeira. Esta visita reuniu grande número de associados que foram unânimes em apreciar e encarecer a magnífica obra que a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa promoveu e tão brilhantemente foi realizada pelo mestre olissiponense Matos Sequeira.

E. N.

Restaurante

TAVARES

O mais Antigo, Tradicional e
Luxuoso Restaurante de Lisboa

R. da Misericórdia, 35-39

Tel. 211 11/2 — LISBOA

ACÇÃO CULTURAL

durante o ano de 1955

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

- 16 - À *Igreja de Nossa Senhora do Loreto*, dirigida pelo Reverendo Luís Gasperetti reitor de mesma.
- 30 - À *Ermida de Nossa Senhora dos Navegantes*, dirigida pelo Sr. Dr. Luís Chaves Lopes.

Fevereiro

- 27 - Ao *Lar de Nossa Senhora dos Anjos*, dirigida pelo Sr. Dr. José Pinto de Aguiar.

Março

- 13 e 20 - Ao *Museu Bocage*, dirigida pelo seu Director Sr. Prof. Dr. Ricardo Jorge.

Maiο

- 15 - À *Exposição das Pratas Portuguesas*, na *Fundação Ricardo Espírito Santo*, dirigida pelo Sr. Prof. Armando de Lucena.
- 29 - Ao *Asilo de Marvila*, dirigida pelo seu Director Sr. Dr. César Antunes.

Junho

- 5 - Ao *Instituto Nacional de Educação Física*, dirigida pelo seu Director Sr. Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana.

Julho

- 3 - Ao *Quartel de Artilharia Pesada n.º 1*, em Sacavém, dirigida pelo seu Comandante Sr. Coronel Aníbal Afra Nozes.

Agosto

- 7 - A *Tomar*, em auto-motora especial, dirigida pelo Sr. Major Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva.

Novembro

- 13 - À *Igreja de S. João de Brito*, no Bairro de Alvalade, dirigida pelo Sr. Arq. Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira).

Dezembro

- 18 - À *Basílica de Nossa Senhora dos Mártires*, dirigida pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
31 - À *Exposição Evocativa de Lisboa antes do Terremoto*, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, dirigida pela Sr.^a D. Julieta Ferrão e Gustavo de Matos Sequeira.

CONFERÊNCIAS

Janeiro

- 27 - *O Passeio Público dos nossos avós*, pelo Sr. Dr. Francisco Câncio.

Fevereiro

- 12 - *Os Museus de que Lisboa falece*, pelo Dr. Amadeu Ferreira de Almeida.

Março

- 24 - *A Educação de Lisboa falece*, pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.

Maiο

- 14 - *A conquista de Lisboa por um caldense*, pela Sr.^a D. Julieta Ferrão.

Junho

- 23 - *A propósito de D. João II*, pelo Sr. Dr. Fernando da Silva Correia.

Julho

- 14 - *Do Príncipe Real a S. Roque*, pelo Sr. Dr. José Garrido Mendes da Cruz.

Dezembro

- 15 - *Um arcebispo Primaz, natural de Lisboa, Frei Bartolomeu dos Mártires*, pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.

EXPOSIÇÕES

Maiο

- 21 a 31 - *Exposição de Cerâmica olisiponense*, organizada pela Sr.^a D. Maria Portugal.

Julho

- 23 a 31 - *Exposição de Vistas Panorâmicas de Lisboa*, organizada pelo Sr. Eduardo Portugal.

PASSEIOS

Abril

17 e 24 - *Circuito de Lisboa Moderna*, à Lisboa Ocidental e Oriental, respectivamente, dirigidos pelo Sr. Hugo Raposo.

Junho

10 - *Passeio no Tejo*, com visita à Base Aérea n.º 6, e ao Montijo.

ROMAGENS

Junho

26 - *Romagem à Quinta de Vale de Lobos*, onde morreu Alexandre Herculano, com passagem por *Arruda dos Vinhos e Manique do Intendente*.

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Maio

26 - Com a participação dos nossos consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves e Eduardo Portugal.

Julho

22 - Com a colaboração dos nossos consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Hugo Raposo, e Jorge Rebelo.

Novembro

24 - Com a colaboração dos nossos consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Dr. José Cruz (Rui Doutil) Eduardo Portugal e Dr.ª D. Maria de Lourdes Bártholo.

COMPRAMOS

L I V R O S D E B O N S A U T O R E S

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA GARRETT • Rua Garrett, 36 — LISBOA

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada	18\$00	20\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		»
Faculdade de Medicina		»
Lisboa nos Ex-Libris		»
Lisboa na Numismática e na Medalhística		»
O Convento dos Barbadinhos Italianos		»
Do Sítio do Intendente		»
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..		»
Alocuções	13\$50	15\$00
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
--------------------------------	-------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..		esgotado
O Senado da Câmara e a Guerra Civil		>
Três Touradas no Terreiro do Paço		>
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus		esgotado
Guia Olisipo n.º 1 a 9, cada	7\$50	8\$00
Visite Lisboa	64\$00	70\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
--	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... ..		esgotado
--	--	----------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos		esgotado
--------------------------------	--	----------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	18\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalhadas do Terreiro Real que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795		esgotado
--	--	----------

JULIETA FERRÃO

Lisboa 1870	9\$00	10\$00
--------------------	-------	--------

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... ..		esgotado
-------------------------------	--	----------

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	esgotado	
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Críticas, Corecções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de Hoje» do Sr. Paulo Freire	esgotado	
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé		»

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no Século XIX	4\$50	5\$00
---	-------	-------

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama	18\$00	20\$00
--------------------------	--------	--------

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto	esgotado	
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
---	--------	--------

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..	esgotado	
A Igreja e o Convento da Graça		»
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente	9\$00	10\$00
--	-------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paroquial de S. Jorge de Arroios	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
--	-------	--------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
---	--------	--------

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... .. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

MANUEL CHAVES CAMINHA LIMITADA

Casa Fundada em 1 de Janeiro de 1926

LISBOA

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 17-B

Tele { fone: PPC 72 51 63
gramas: ACINDUS — Lisboa

PORTO

RUA DE SANTA TERESA, 19-1.º

Tele { fone: 2 25 56 - 2 08 76
gramas: EGO — Porto



ACESSÓRIOS
DE
INDÚSTRIA

Pedro d'Oliveira Telhado & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 81-2.º

LISBOA

Telef. 2 59 31 · Teleg. KNOBLOK



Exportadores de Tecidos para as Colónias

Fornecedores das Entidades Oficiais

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole.....	Cabo Verde e Guiné.....	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole.....	S. Tomé e Príncipe e Angola.....	Mensais
Norte de Europa	S. Tomé e Príncipe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão / Tramping
Consignações / Trânsitos / Serviços de reboques fluviais e de alto mar
Lanchas / Fragatas / Batelões.

FROTA PRINCIPAL

	TON.		TON.		TON.
n/m «África Ocidental»	1.560	n/m «António Carlos»	2.974	n/v «Costeiro»	900
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Arroios»	9.558	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426
n/v «Alcoutim»	10.526	n/m «Belas»	7.259	n/m «Covilhã»	1.376
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Borba»	7.259	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alexandre Silva»	3.215	n/m «Braga»	7.224	n/m «Manuel Alfredo»	3.600
n/v «Alferrarede»	2.118	n/m «Bragança»	7.224	n/v «Maria Amélia»	3.005
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Cartaxo»	1.376	n/v «Mello»	6.253
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Colares»	1.376	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Ambrizete»	9.245	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/m «São Macário»	1.221
n/m «Ana Mafalda»	3.643	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Saudades»	6.430
n/m «Andulo»	9.245			n/v «Zé Manel»	1.240

Total 151.558 Ton.

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de água,
1 Draga e 5 Batelões de dragadas.

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro;
2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros
no serviço de cabotagem na Província de Cabo Verde.

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA - Rua do Comércio, 39 Telef. 2 63 14/5 Teleg. GERAL	PORTO - Rua Sá da Bandeira, 82 Telef. 2 73 63 Teleg. SABÕES
--	---

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa

OS
«AMIGOS DE LISBOA»

preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma
COMPANHIA DE SEGUROS
que honra Lisboa

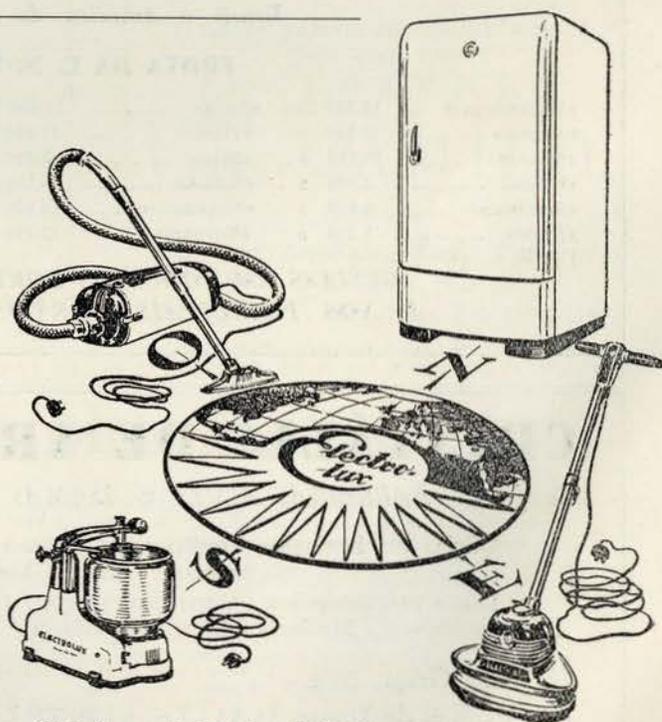
**Para qualquer lado
que se volte en-
contrará sempre
Um aparelho**

ELECTROLUX

ELECTROLUX, LDA.

LISBOA

Rua Pascoal de Melo, 7
R. 1.º de Dezembro, 120-B



Telefs. : 5 61 15 - 2 82 46

ALBANO DE SOUSA & BARBOSA, LDA.

LIVRARIA PAPELARIA

Material Escolar / Equipamento para Escritório / Grande sortido em canetas e lapiseiras das melhores marcas / Assistência Técnica / Sortido sem paralelo em Álbuns para Fotografia

Visite a nossa casa (50 anos de existência)

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA

Largo Martim Moniz - Pavilhão das Ourivesarias - Loja n.º 2 - LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

A MAIS ANTIGA E MAIOR
EMPRESA ARMADORA PORTUGUESA
DAS CARREIRAS DE ÁFRICA

Sede

Rua do Comércio, 85
LISBOA

Sucursal

Rua Infante D. Henrique, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique» ... 13.220 Ton.	«Índia» 11.400 Ton.	«S. Thomé» 12.550 Ton.
«Angola» 18.250 »	«Timor» 11.400 »	«Nacala» 5.130 »
«Quanza» 11.550 »	«Save» 2.680 »	«Tagus» 2.320 »
«Luabo» 3.030 »	«Sofala» 18.520 »	«Agachote» 1.950 »
«Zambézia» 3.538 »	«Moçâmedes» 12.990 »	<i>Em construção</i>
«Lúrio» 3.538 »	«Rovuma» 12.990 »	«Niassa» 10.000 Ton. D. W.

**AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS
E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO**

CRISTÁLIA DE ARTE

de JOÃO BARREIRA, ALVES & DAMAS, LDA.

Oficina de: Biselagem, Espelhagem, Gravura e Fosagem / Colocação de vidros em montras e obras em Lisboa e Província

Discos para candeeiros / Vitrais para jazigos / Interruptores / Pára-brisa / Portas de automóveis / Molduras / Espelhos / Vidraça / Vidro pulido Nacional e Estrangeiro

Largo da Graça, 26 e

Av. Marquês de Tomar, 51-55 - Tel. 84 98 37 LISBOA

P A P E L A R I A C A R L O S

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 0 2 4 4
Teleg. PAPELCAR
L I S B O A

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

A LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contractos de seguros

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

C A M I L O
C A S T E L O
B R A N C O



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

8 0 V O L U M E S

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições de

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 31730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

B. Dias & Dias, Limitada

com Oficina de
Torneiro de Metais

•
INSTALAÇÕES PARA ÁGUA
GÁS E ELECTRICIDADE

•
COLOCAÇÃO DE BOMBAS
E CONsertos

•
Retretes de luxo nacionais e estrangeiras. Autoclismos de vários sistemas. Lavatórios e banheiras de esmalte e zinco e esquentadores a gasolina e para gás. Candeeiros para gás, electricidade, petróleo, gasolina e gás acetilente. Camisas e chaminés de todas as qualidades. Campainhas, telefones, trinco eléctrico, motores de electricidade. Vende a melhor lâmpada económica Philips de filamento metálico e Nitra. Lava louças e todos os artigos referentes a folha branca. Fazem-se todos os trabalhos pertencentes à sua indústria.

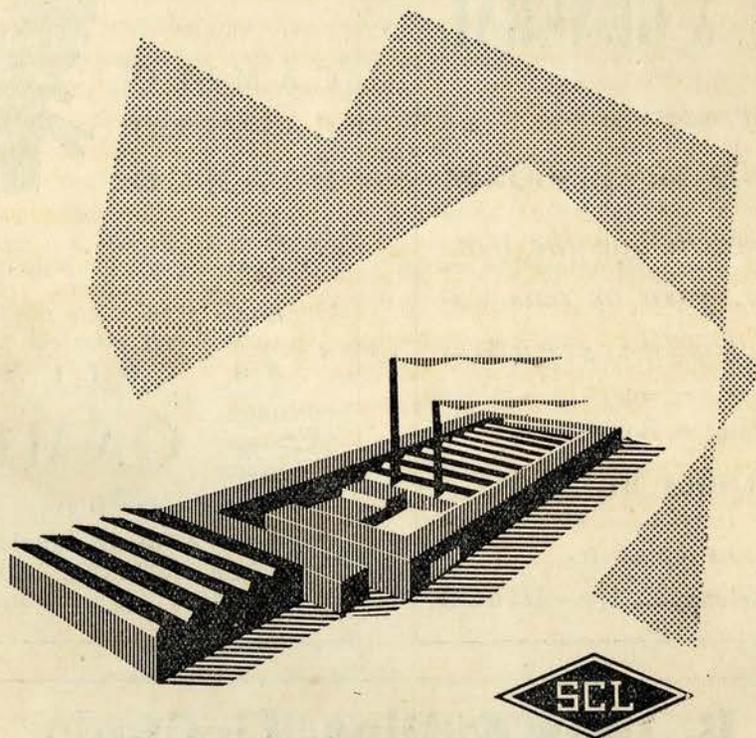
11-F, Rua Nova da Tindade, 11-F
L I S B O A

Telef. 2 2 6 4 8

SIMÕES & C.^A L.^{DA} LISBOA



A maior Fábrica de Malhas do País



Meio século de experiência...

Que trabalha para si!

GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

PRETENDER definir a acção exercida no desporto nacional pelo Ginásio Clube Português, em oitenta anos de actividade ginasista, é tarefa de assustar o mais experimentado nestes assuntos.

É lugar comum afirmar-se, ante qualquer evento, ter sido preenchida uma lacuna. O mesmo poderemos escrever do G. C. P., cuja fundação obedeceu, simplesmente, ao desejo de uma juventude irreverente, ansiosa de imitar as proezas dos artistas de circo, no momento os heróis da sua imaginação. Deste intento primário, que parecia condenado pela época — estávamos em 18 de Janeiro de 1875 — nasceu uma das mais belas afirmações de clubismo nacional. Com efeito, desde a Caldeirinha do Socorro, até às actuais instalações da rua Serpa Pinto — e isto para não falar na futura e magnificente sede ginasista — o G. C. P. marcou como pioneiro da Causa Desportiva.

A ele se deve a introdução de quase todas as modalidades desportivas praticadas em Portugal, nunca descurando, porém, a sua função primordial de defensor acérrimo da prática da educação física da nossa mocidade, como veículo ideal da melhoria das condições de eugenia da raça portuguesa.

Desta acção profícua muito haveria a dizer, mas podemos consubstanciar a valia do seu trabalho nas numerosas condecorações que o seu estandarte orgulhosamente ostenta. E como demonstração da maneira como a sua função de precursor é mundialmente apreciada, bastará citar que o Comité Olímpico Internacional o galardoou, em 1950, com o Troféu Fearnley, o «prémio Nobel» do Desporto, até hoje atribuído em todo o mundo somente a duas colectividades, uma das quais — para honra de todos nós — é o prestigioso «Real» Ginásio Clube Português.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO
e
MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL